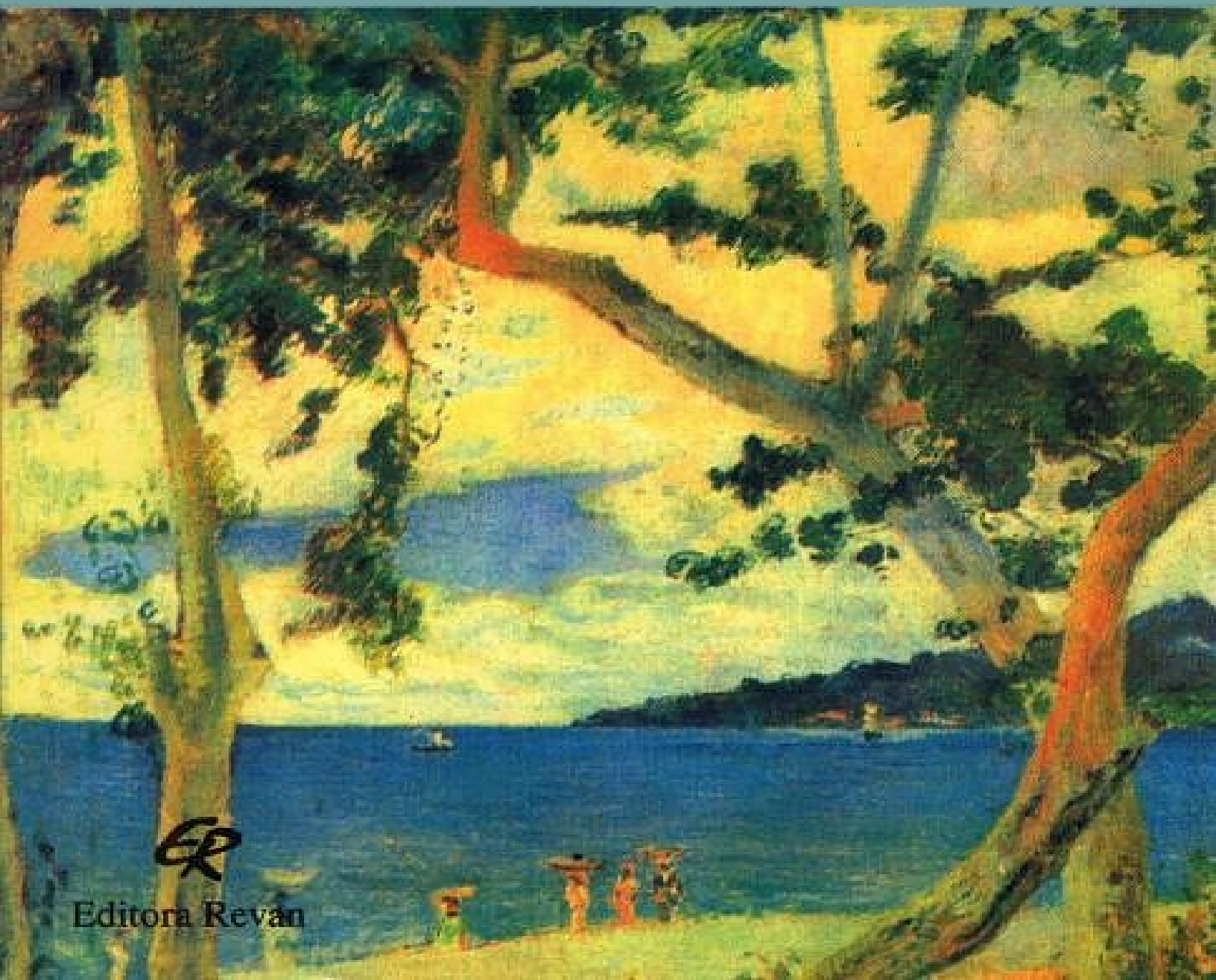


JOSEPH CONRAD

*Freya das
Sete Ilhas*



ER

Editora Revan



JOSEPH CONRAD

(1857-1924)

FREYA

DAS SETE ILHAS

Título original inglês

FREYA OF THE SEVEN ISLANDS

(1910-11)

Tradução

JULIETA COPERTINO

REVAM, 2003

Joseph Conrad
tradução de Julieta Cupertino
Revan, 2003
Gênero: novela
Editora Revan
Avenida Paulo de Frontin, 163 20260-010 Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 21-2502.7495 Fax: 21-2273.6873
Nossos e-mails:
Editorial: editorial@revan.com.br
Vendas: vendas @revan.com.br
Divulgação: divulg@revan.com.br

Editora Revan
Copyright O 2003 by Joseph Conrad.
Todos os direitos reservados no Brasil pela Editora Revan Ltda.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.
Revisão
Fábio Biangolino Teixeira
Roberto Teixeira
Capa (Imagem de "A Baía de Saint-Pierre na Martinica", de Gauguin, 1887)
Sense Design & Comunicação
Impressão e acabamento (Em papel Pólen Soft 80g. após paginação eletrônica, em tipo Bookman Old Style. 11 /13)
Ebal/Coopag
Conrad, Joseph.
Freya das sete mulheres / Joseph Conrad; tradução de Julieta Cupertino.
— Rio de Janeiro: Revan, 2003p.
ISBN 85-7106-288-9 1. Romance inglês.

Contracapa

"O que marcou dolorosamente a obra de escritor de Joseph Conrad foi o sentimento trágico da vida que ele insuflou em seus personagens e em suas histórias. A paixão de viver está de tal modo presente neles e nelas que deixa pouco espaço para o autor se comprazer na descrição de momentos felizes. Estes, quando entram na história, é como se Conrad quisesse exorcizar os inevitáveis assomos de angústia que nos abatem, e ele sente que, para tal, precisa mostrar a fragilidade total da criatura humana diante do avanço inexorável de acontecimentos, sobre os quais não tem o menor domínio, e de atitudes do mundo em torno, a que não tem como fugir. Como nesta Freya das Sete Ilhas, até agora inédito no Brasil, que a Revan publica em tradução de alta qualidade."

Da apresentação de Antonio Olinto, da Academia Brasileira de Letras

Orelhas

O FOGO DAS PAIXÕES

Pela beleza da narrativa e a riqueza das tramas e personagens, Freya das Sete Ilhas é uma das novelas mais comoventes de Joseph Conrad. Não se sabe por quê, estava até agora inédita no Brasil.

Com uma exceção, O agente secreto, as obras de Conrad são variações sobre uma temática quase constante: o mar, os riscos e fascínios da vida de marinheiro, os sentimentos humanos maiores como a honra, a família, a amizade, a decepção com a torpeza e a traição, o amor entre homem e mulher, o fogo das paixões humanas.

A temática é constante, mas em cada obra ela toma a forma de uma obra literária única, extraordinária, onde personagens, paisagens e situações sempre diversos e singulares saem do papel para adquirir vida na imaginação do leitor e emocioná-lo, por força da magia de palavras genialmente escolhidas e magnificamente articuladas.

A bela apresentação de Antonio Olinto, que abre esta edição, situa magistralmente Freya das Sete Ilhas na obra de Conrad e dispensa outra apresentação.

Este é o sexto título de Joseph Conrad editado pela Revan. Os cinco primeiros foram, nessa ordem:

A loucura do Almayer

O fim das forças

Juventude

O agente secreto

Lord Jim

Já traduzidos, sempre por Julieta Cupertino, em fase de editoração, estão:

Vitória

O coração das trevas

Linha de sombra

Karain

Um posto avançado para o progresso

Em fase de tradução está The Secret Partner e, programado, Amy Foster.

Assim, passo a passo, a Revan vai executando seu projeto de editar no Brasil toda a obra de Joseph Conrad, um dos clássicos mais consagrados da literatura inglesa e mundial.

Sumário

Apresentação

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Apresentação

Sob o signo da tragédia

ANTONIO OLINTO

da Academia Brasileira de Letras

O que marcou dolorosamente a obra de escritor de Joseph Conrad foi o sentimento trágico da vida que ele insuflou em seus personagens e em suas histórias. A paixão de viver está de tal modo presente neles e nelas que deixa pouco espaço para o autor se comprazer na descrição de momentos felizes. Estes, quando entram na história, é como se Conrad quisesse exorcizar os inevitáveis assomos de angústia que nos abatem, e ele sente que, para tal, precisa mostrar a fragilidade total da criatura humana diante do avanço inexorável de acontecimentos, sobre os quais não tem o menor domínio, e de atitudes do mundo em torno, a que não tem como fugir. Como nesta Freya das Sete Ilhas, até agora inédito no Brasil, que a Revan publica em tradução de alta qualidade.

Uma análise dos personagens desse estranho polonês que mergulhou nas raízes de uma língua estrangeira, o inglês, tornando-a sua, ao ponto de nela inserir novidades e torneios de estilo, leva-nos a uma lista de tipos de gente fora do comum, que ele coloca face a face com situações trágicas. Os gregos e Shakespeare já nos haviam ensinado que o "trágico" e o "poético" podem caminhar de mãos dadas. Em Conrad, deparamos sempre com páginas em que um ou mais personagens são escolhidos, como que por um deus grego, para cair sob o peso de uma tragédia.

Nessa família de personagens — em que estão Almayer, Amy Foster e seu marido Yanko, Kurtz, Gaspar Ruiz, Arsath — concentra o narrador muito da dramaticidade geral do relato no serem quase todos estranhos ao ambiente em que vivem, numa equivalência com as andanças do próprio autor por terras longínquas, nos encontros e desencontros de raças e no predomínio de uma natureza em geral hostil que precisa ser domada.

A velha expressão "morrer de amor", que se aplica a inúmeros enredos românticos, aceitos em qualquer lugar do mundo, em Conrad acontece normalmente, com homens e mulheres como que vítimas de situações que levam à autodestruição. É como se não

houvesse, em seu DNA literário, a simples ideia de um conjunto de acontecimentos poder chegar a um final feliz. Esta é precisamente a característica da tragédia.

A comédia seria tudo terminar bem. Nem por outro motivo tem o poema de Dante o nome de comédia, já que a A divina comédia chega, no fim, ao Paraíso.

Desde que inventou seu primeiro personagem, Almayer, no livro de estreia *Almayer's Folly*, predestinou-o Conrad à derrota. E é sob a sombra dessa condenação, que atinge indistintamente todos os que ocupam lugar de frente em suas histórias, em que Joseph Conrad ressuscita em palavras o largo horizonte d'água, sob cuja égide seus personagens se entregam à paixão de existir. Paixão mesmo, no sentido de sofrimento em que viemos empregando as palavras "vida e paixão" ao longo dos tempos.

Joseph Conrad não é só um narrador. É dois e às vezes três. O primeiro é naturalmente ele mesmo, o que assina o livro e narra, mas, quase sempre, abaixo dele surge um narrador comprometido com a história e pode aparecer outro que narre um incidente da narrativa. Costuma até inventar um narrador alheio à história propriamente dita — alguém que haja acompanhado o desenvolvimento do enredo, estado com seus personagens e tenha às vezes sido responsável por mudanças em pontos importantes da narrativa, numa reinvenção de uma oralidade de período mais antigo na arte literária de contar. Como funciona essa dualidade ou pluralidade? Os narradores secundários pegam os acontecimentos, narram-nos, explicam-nos e são capazes de fornecer um terceiro ou quarto narrador que possam estar mais ligados aos que estão sofrendo na história ou hajam sido testemunhas do desenrolar da, em geral, tragédia. Essa duplicação de narradores acontece em quase todas as histórias de Conrad, tanto nas mais largas (*Nostromo*) como nas menores (*Amy Foster*, *Gaspar Ruiz*, *Lagoon*). A existência de dois ou mais narradores amplia o escopo da realidade narrada, dando uma intensidade maior a seus significados e aos desencontros de sua gente.

Note-se que ele criava seus personagens sob um destes dois aspectos: o "ser" e o "fazer". Em geral, ficava no "ser", na análise de uma pessoa humana em pleno domínio de seu livre arbítrio, no estudo moral de ações, reações, decisões. O "fazer" podia partir dos adversários porque, em Conrad, há os idealistas, os que estão enfeitiçados pelos sonhos, pelas belas ações, por um "fazer" mais refinado e mais longínquo, e os que estão enfileirados não muito longe, preparados para evitar que os apaixonados se

encontrem, o navio chegue a seu porto ou o vencedor receba seu prêmio. O esquema geral de seus enredos é de uma nitidez que só a tragédia permite existir, quando mostra a clareza do Mal, da Maldade, funcionando com Ms maiúsculos e provocando o senso de justiça que o leitor possa ter. Devemos dar atenção também a este lado conradesco; o modo que o escritor tem de narrar parece enfrentar o leitor com um desafio: "Vê se és capaz de me desmentir; vê se podes dar um final diferente à minha história; vê se consegues encontrar uma saída melhor para o que narrei".

Pois foi o que aconteceu com Freya das Sete Ilhas. Muitos leitores ingleses não concordaram com o tratamento dado pelo autor a seus personagens. Mandaram cartas para jornais, para o editor e para o próprio Conrad protestando contra o sofrimento impingido pelo ficcionista a Freya e Jasper Allen. Houve cartas que diziam ser "crueldade" tratar assim dois personagens, houve quem escrevesse que jamais leria um novo livro de Conrad. No entanto, como obra literária, raramente chegou a narração de uma tragédia a ser feita com tão aparente serenidade e precisão. Desde o começo, a figura do "bandido" ganha força como capaz de tudo — um dos protestos de leitor foi que o romancista deveria ter levado seu enredo à frente e fazer com que o malfeitor pagasse pelo seu crime.

Em seu excelente ensaio *The Death of Tragedy*, diz George Steiner que o conceito de tragédia é eminentemente grego e que, por exemplo, a cultura judaica não é trágica, mas ética. Nem a história de Jó pode entrar na categoria da tragédia porque Jeová restitui a Jó tudo o que lhe havia sido tirado. Acha Steiner que a tragédia não tem definição. Quem a causa? Um deus malevolente e oculto? Cegueira do destino? Força do inferno? Ou a força bruta do sangue animal que existe em nós? Como pode ter acontecido o que aconteceu na história de Freya das Sete Ilhas? Contudo, o que interessava a George Steiner era o trágico no teatro, embora de vez em quando aludisse também à tragédia de qualquer espécie.

Já o francês Jean-Marie Domenach, em seu livro *Le Retour du Tragique*, parecia responder ao livro de Steiner (este saíra em 1961; o de Domenach é 1967). Em *Le Retour du Tragique*, o trágico aparece como parte da estrutura do universo e, quando se diz "É trágico", a expressão está ligada à metafísica, à maneira como os acontecimentos acontecem, de que maneira um ser humano concebe sua própria existência em relação com a dos outros, em relação consigo mesmo ou com Deus. Domenach indaga o quanto de mitológico ou de religioso existe na frase "É trágico" diante da morte de um

jovem presidente em Dallas, um jovem feliz, poderoso, chefe da maior nação do mundo. Indo além das definições lógicas e mesmo do conceito de que a tragicidade acompanha cada passo de qualquer um de nós, discute-se também se temos culpa real por tudo o que nos acontece. Charles Péguy, no fundo mesmo de seu apego à poesia, disse: "Todo homem feliz é culpado".

A felicidade antecipada em que viviam Freya e Jasper Allen teria sido, assim, a raiz da tragédia.

Precisariam pagar por isso? Pagar por uma felicidade maior que ainda estava no futuro? Felicidade seria então, sem outras causas conhecidas, a causa maior da tragicidade?

Discussões sobre a culpabilidade, ou não, levar ao trágico, provocaram até a mudança de uma tradução de trecho no "Padre Nosso". O pedaço que, em latim, é "Et ne nos inducas in tentationem", que traduzíamos por "Não nos deixeis cair em tentação", passou, em 1966, a ser diferente para católicos, protestantes e ortodoxos franceses, tornando-se "Não nos submeteis à tentação", dando a "inducas" o seu verdadeiro sentido, de "induzir" e não "deixar". Seremos então induzidos a pecar? Ou a fazer qualquer coisa que atraia o ódio de outrem e, como consequência, traga uma tragédia que venha de fora? Dir-se-ia que a felicidade era tanta no amor de Freya e Jasper Allen que os dois se tornaram vítimas fáceis da tragédia.

No meio das muitas páginas trágicas de Joseph Conrad, o importante é o modo sutil com que ele consegue que o sentimento trágico avance com densidade, impondo os diálogos que insere na história como parte do que está ocorrendo, ao mesmo tempo em que se mantém de fora como se a narrativa não fosse dele. O crítico Paul West, em seu livro *The Modern Novel*, acha que o autor de Freya age como se não fosse o criador, dando a entender que pouco tem a ver com seus personagens. Ao contrário do que pensa Paul West, a posição de Conrad leva-o a não achar que a vida é forte de mais para que um romancista queira colocá-la em palavras: por isto, coloca-a. Nele, a tragicidade se torna maior e mais veemente porque o autor procura traçá-la com uma lucidez que a mostra mais nítida e capaz de revelar o absurdo inerente a tudo o que sai de uma normalidade, verdadeira ou falsa. Conrad na Inglaterra e, mais tarde, em Malraux na França, foram trágicos na prosa, em romances, surpreendendo na condição humana as fissuras que nos tornam frágeis diante do ignoto, do desconhecido, do inescapável fim. Nas páginas finais de Freya, em que o pai narra a morte, para ele inexplicável, da filha, mais uma vez, como em tragédias outras,

descobre-se que ela morreu de amor. O romancista parece não condenar o inimigo, culpado por tudo, talvez na ideia de que o essencial é compreender. Compreender a tragédia. Compreender Freya e sua luta sem vitória.

Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2003.

Capítulo I

Naquele dia — e aquele dia foi há muitos anos — eu recebi uma carta longa, loquaz, de um velho amigo, um dos camaradas que viajavam nas águas do Oriente. Ele ainda estava por lá, mas estabelecido e de meia idade. Eu o imaginava transformado em corpulento, fisicamente, e doméstico, nos hábitos. Em suma, surpreendido pelo fato comum a todos aqueles que, sendo muito amados pelos deuses, morrem cedo. A carta, do tipo "você se lembra?" — era uma carta triste, de reminiscências do passado. E, entre outras coisas, "certamente você se lembra do velho Nelson", ele escreveu.

Lembrar-me do velho Nelson! Certamente! E, para começar, seu nome não era Nelson. Os ingleses no Arquipélago chamavam-no de Nelson porque era mais conveniente, eu suponho, e ele nunca protestou. Teria sido mero pedantismo. A verdadeira forma de seu nome era Nielsen, e ele fora para o Oriente muito antes do advento dos telégrafos; tinha servido em firmas inglesas, tinha casado com uma moça inglesa e tinha sido um de nós, durante anos, negociando e navegando em todas as direções pelo Arquipélago Oriental, atravessando ou circundando, transversal, diagonal e perpendicularmente, em semicírculos, em zigue-zagues, em formato de oito, por anos e anos.

Não havia recesso, ou fresta naquelas águas tropicais, que a empresa do velho Nelson (ou Nielsen) não tivesse penetrado de uma forma eminentemente pacífica. Os caminhos que ele trilhou, se traçados em um gráfico, teriam coberto o mapa do Arquipélago, como uma teia de aranha — todo ele, com exceção das Filipinas. Ele nunca se havia aproximado dessa parte por um estranho medo de espanhóis ou, para ser exato, das autoridades espanholas. É impossível dizer o que ele imaginava que poderiam fazer com ele. Talvez ele alguma vez em sua vida tivesse lido algumas histórias da Inquisição.

Mas ele tinha um medo generalizado pelo que chamava "autoridades", não as autoridades inglesas, que ele respeitava e nas quais confiava, mas as outras duas daquela parte do mundo. Não se horrorizava tanto com os holandeses como com os espanhóis, mas estava mesmo mais receoso deles. Muito receoso, de fato. Os holandeses, na sua concepção, eram capazes de "pregar uma peça desagradável em alguém" que tivesse a má sorte de desagradá-los. Havia suas leis e regulamentos, mas eles não tinham noção de justiça na aplicação dos mesmos. Era realmente lamentável ver a ansiosa

circunspecção de seu comportamento nas negociações com um ou outro oficial, lembrando-se de que era sabido que esse homem fora visto caminhando por uma aldeia de canibais, na Nova Guiné, com modos tranquilos, destemido (note-se que em sua vida ele foi sempre corpulento e, se eu posso dizê-lo, um bocado apetitoso), em alguma permuta que não valia mais do que 50 libras, ao todo.

Lembrar-se do velho Nelson! Certamente! Em verdade, ninguém de minha geração o tinha conhecido em seu tempo de atividade. No nosso tempo, ele estava "aposentado".

Havia comprado ou arrendado do sultão parte de uma ilhota de um pequeno grupo chamado Sete Ilhas, não muito ao norte de Banka. Era, eu suponho, uma transação legítima, mas não tenho dúvida de que, fosse ele um inglês, o holandês teria descoberto uma razão para expulsá-lo sem cerimônia. Por este lado, a forma real de seu nome colocava-o em bom lugar. No caráter de um modesto dinamarquês cuja conduta era corretíssima, eles o deixaram em paz. Com todo o seu dinheiro empregado em lavoura, ele, naturalmente, cuidava de não fazer nem sombra de ofensa e, mais por razões prudentes daquele tipo, ele não via Jasper Allen com bons olhos.

Mas, sobre isto, mais tarde. Sim. Nós nos lembrávamos bem do grande, hospitaleiro bangalô do velho Nelson, erigido em um terreno inclinado; do seu porte robusto, vestido geralmente com uma camisa branca e calças (ele tinha um hábito confirmado de despir sua jaqueta de alpaca à mínima provocação); seus redondos olhos azuis, seus bigodes hirsutos, branco e areia, apontando para todos os lados, como farpas de um porco-espinho; seu hábito de sentar-se de repente e abanar-se com o chapéu.

Mas não adianta esconder que nos lembrávamos, de fato, era de sua filha, que naquela ocasião vivia com ele e era uma espécie de Senhora das Ilhas.

Freya Nelson (ou Nielsen) era o tipo de moça de quem sempre nos lembramos. O oval de seu rosto era perfeito; e, dentro dessa fascinante moldura o mais feliz arranjo de linhas e de feições, com uma tez admirável, dava uma impressão de saúde, força, e o que eu poderia chamar de autoconfiança involuntária — uma agradabilíssima e, por assim dizer, caprichosa determinação. Não compararei seus olhos a violetas, porque o tom real de sua cor era peculiar, não tão escuro e mais brilhante.

Eles eram do tipo completamente abertos e olhavam-nos francamente, qualquer que fosse seu humor. Eu nunca vi as longas e escuras pestanas

abaixadas — acredito que Jasper Allen, sendo uma pessoa privilegiada, viu — mas não tenho dúvida de que a expressão deve ter sido encantadora, numa forma complexa. Ela podia — Jasper me disse, uma vez, numa exultação tocantemente imbecil — sentar-se sobre seus cabelos. Certamente, certamente. Contemplar tais maravilhas não era coisa para mim; eu me contentava com admirar a maneira esmerada e bonita com que ela costumava levantá-los, como se para não esconder o formato perfeito de sua cabeça. E esta riqueza de cabelos era tão brilhante que, quando as cortinas da varanda que dava para o oeste estavam descidas, provocando ali um agradável lusco-fusco, ou na sombra do bosque de árvores frutíferas perto da casa, pareciam desprender de si uma dourada luz própria.

Ela vestia habitualmente uma túnica branca, com uma saia para caminhada que mostrava suas botas marrons, de amarrar, muito limpas. O casaco, se tinha alguma cor, era sempre azulado. Nenhum esforço parecia incomodá-la. Eu a via descer do barco, depois de um longa e penosa remada ao sol (ela remava muito por ali), sem respiração acelerada, sem um único fio de cabelo fora do lugar. De manhã, quando saía para a varanda para um primeiro olhar na direção oeste, no rumo de Sumatra, mar acima, ela parecia tão fresca e faiscante como uma gota de orvalho. Mas uma gota de orvalho é evanescente e, com relação a Freya, não havia nada de evanescente. Eu me lembro de seus braços, redondos, sólidos, com bonitos pulsos, e de suas mãos grandes, capazes, com dedos afilados.

Não tenho certeza de que ela realmente tenha nascido no mar, mas sei que até os 12 anos ela viajou com os pais em vários navios. Depois que o velho Nelson perdeu a mulher, tornou-se um assunto muito preocupante o que fazer da menina. Uma bondosa senhora em Singapura, tocada pela mágoa surda e a deplorável perplexidade do velho, ofereceu-se para cuidar de Freya. Essa situação durou cerca de seis anos, durante os quais o velho Nelson (ou Nielsen) "aposentou-se" e se estabeleceu em sua ilha, e então foi resolvido que, a bondosa senhora indo embora para a Europa, sua filha devia ir para a companhia dele.

Como a primeira e mais importante preparação para aquele evento, o velho camarada encomendou ao seu agente em Singapura, um "piano de armário" Steyn and Ebhart.

Eu estava, então, comandando um pequeno vapor no comércio da ilha e foi minha sina trazê-lo para ele; por isso eu sei alguma coisa sobre o piano de armário. Desembarcamos um enorme engradado sobre um pedaço chato

de rocha, entre alguns galhos de árvore, quase arrancando o fundo de um dos meus botes no curso daquela operação náutica.

Então, toda a tripulação ajudando — mecânicos e foguistas incluídos — pela influência de uma engenhosidade muito ansiosa e por meio de rolamentos, alavancas, guinchos, e planos inclinados ou pranchas engraxadas, labutando ao sol, tal como antigos egípcios na construção de uma pirâmide, nós o levamos até à casa e até o canto da varanda ocidental, que era a real sala de visitas do bangalô. Ali, a caixa sendo retirada cautelosamente, o bonito monstro de pau rosa foi revelado, por fim.

Em reverente excitação, nós o encostamos contra a parede e puxamos a primeira respiração livre do dia. Era, sem dúvida, o mais pesado objeto móvel naquela ilha, desde a criação do mundo. O volume do som que ele produzia naquele bangalô (que agia como uma tábua de ressonância) era realmente extraordinário. Trovejava docemente, logo acima do mar. Jasper Allen disse-me que em uma manhã, muito cedo, ele pôde ouvir quase perfeitamente, do convés do Bonito (seu belo e velocíssimo brigue), Freya, tocando suas escalas. Mas o camarada sempre ancorava imprudentemente muito perto da extremidade, como eu lhe disse mais de uma vez. Sem dúvida, estes mares são quase uniformemente serenos e Sete Ilhas é um lugar especialmente calmo e claro, de modo geral. Contudo, de vez em quando, uma tempestade vespertina sobre Banka, ou mesmo uma dessas depravadas rajadas da distante costa de Sumatra, faziam uma rápida investida sobre o grupo, envolvendo-o, por algumas horas, em remoinhos e escuridão negro-azulada, de um aspecto particularmente sinistro. Então, com as cortinas de palha descidas, batendo desesperadamente ao vento e o bangalô sacudindo-se de alto a baixo, Freya costumava sentar-se ao piano e tocar exaltadas peças de Wagner ao clarão de relâmpagos cegantes, com raios caindo por todos os lados, capazes de fazer-nos ficar de cabelos em pé; e Jasper ficava parado, na varanda, adorando sua imagem ondulante, flexível, vista por trás, o brilho miraculoso de sua cabeça loura, suas mãos rápidas sobre as teclas, a nuca branca de seu pescoço — enquanto o brigue, embaixo, no promontório, balançava-se nos seus cabos dentro de uma centena de jardas de perigosas, brilhantes, negras pontas de rocha. Arre!!

E isto, se me permite, por nenhuma razão, a não ser que quando ele ia para bordo, à noite, e pousava a cabeça sobre o travesseiro, sentia que estava tão perto quanto poderia estar, convenientemente, de sua Freya, que dormitava, no bangalô. Já se viu coisa igual? E, imagine, esse brigue ia ser o

lar — o lar deles — o paraíso flutuante, que ele estava, gradualmente preparando, como um iate para velejar. Imbecil! Mas o camarada estava sempre se arriscando.

Um dia, eu me lembro, observei-o, com Freya, na varanda, o brigue aproximando-se da ponta, vindo do norte. Suponho que Jasper havia visto a moça, com seu binóculo.

O que ele fez? Em vez de manter o rumo por uma outra milha e meia, ao longo dos baixios, e depois virar para o ancoradouro num modo próprio de um homem do mar, ele viu uma fresta entre dois velhos rochedos cheios de dentes, abaixou o leme subitamente e lançou o brigue através da brecha, com todas as velas sacudindo e chocalhando, de forma que, na varanda, podíamos ouvir o ruído. Respirei por entre os dentes, eu lhe digo, e Freya blasfemou. Sim! Ela apertou seus fortes dedos hábeis e bateu com força, no chão, os pés calçados com lindas botas marrons, e disse: "Maldito!". Depois, olhando para mim, com a cor um pouco alterada — não muito —, ela disse: "Esqueci que você estava aqui", e riu. Sem dúvida! Sem dúvida! Quando Jasper estava por perto, ela não parecia lembrar-se de que alguém mais, neste mundo, estivesse ali. Na minha preocupação quanto àquela travessura eu não pude deixar de apelar para seu compassivo senso comum.

"Ele não é um louco?", eu disse, com emoção.

"Um perfeito idiota!", ela concordou, calorosa, olhando-me diretamente, com olhos muito abertos, olhos severos, e a sombra de um sorriso em sua face.

"E isso", sugeri, "somente para ganhar uns vinte minutos a fim de encontrá-la."

Ouvimos a âncora descer e então ela se tornou muito resoluta e ameaçadora.

"Espere um minuto. Vou ensinar a ele." Ela entrou em seu quarto e fechou a porta, deixando-me só, na varanda, com meus pensamentos. Muito antes das velas do brigue estarem recolhidas, Jasper subiu, três degraus a cada passo, esquecendo de me dizer "como vai?" e olhando à direita e à esquerda, ansiosamente.

"Onde está Freya? Ela não estava aqui agora mesmo?"

Quando eu lhe disse que ele seria privado da presença de Miss. Freya por uma hora inteira "justamente para aprender", ele disse que eu a havia instigado e que ele temia que algum dia tivesse de me dar um tiro. Ela e eu estávamos nos aproximando muito um do outro. Então, ele se lançou numa

cadeira e tentou conversar comigo sobre sua viagem. Mas o engraçado é que o camarada sofria, realmente. Eu o sentia. Sua voz falhava e ele sentava-se ali, mudo, olhando para a porta, com uma expressão de dor no rosto. Pura verdade... Em seguida, coisa ainda mais engraçada, a moça saiu de seu quarto, calmamente, em menos de vinte minutos. Eu, então, saí. Quero dizer que saí para encontrar o velho Nelson (ou Nielsen) na varanda de trás, que era seu recanto especial na distribuição daquela casa, com o generoso propósito de travar com ele uma conversação, temendo que ele comesse a vaguear e penetrasse despercebidamente onde não era chamado.

Ele sabia que o brigue chegara, embora não soubesse que Jasper já estivera com sua filha.

Suponho que ele não pensava que isso fosse possível naquela pressa. Um pai, naturalmente, não o faria. Ele suspeitava que Allen estivesse enamorado de sua filha.

As aves no ar e os peixes no mar, a maioria dos comerciantes no Arquipélago, todos os tipos e condições de homens na cidade de Singapura, sabiam disso. Mas ele não era capaz de avaliar o quanto a jovem estava enamorada do rapaz. Ele tinha uma ideia de que ela era bastante sensata para não se apaixonar por alguém — quero dizer de um modo ingovernável. Não, não era isto o que o fez sentar na varanda posterior e se afligir por seus modos tranquilos, durante as visitas de Jasper. O que o afligia, eram as "autoridades" holandesas. Pois é um fato que os holandeses pareciam olhar de viés o comportamento de Jasper Allen, dono e capitão do brigue Bonito. Eles consideravam-no demasiadamente empreendedor. Eu não sei se ele algum dia teria feito qualquer coisa ilegal; mas parece-me que sua imensa atividade era repulsiva aos sólidos caracteres impassíveis e métodos vagarosos deles. De qualquer maneira, na opinião do velho Nelson, o capitão do Bonito era um talentoso oficial e um jovem gentil, mas não, sobretudo, um conhecido desejável. De alguma forma, comprometedor, compreende? Por outro lado, não lhe agradava dizer claramente a Jasper que ele ficasse afastado dela. Pobre velho Nelson, ele era uma boa pessoa. Acredito que ele se teria negado a ferir os sentimentos até mesmo de um canibal desgrenhado, a menos, talvez, que sob muito severa provocação. Eu me refiro a sentimentos, não a corpos. Pois contra adagas, facas, machados, cacetes ou flechas, o velho Nelson tinha se mostrado capaz de representar seu próprio papel.

Em qualquer outra situação, ele era uma alma temerosa.

Então ele sentou-se na varanda de trás com uma expressão preocupada, e toda vez que chegavam até ele as vozes de Jasper Allen e de sua filha, ele bufava e deixava o ar escapar com um som lúgubre, como um homem muito experiente.

Naturalmente, deduzi de seus modos o que ele de certa forma me confiou. Ele tinha uma determinada atenção pelo meu julgamento e um certo respeito, não por minhas qualidades morais, mas pelos bons termos em que, ele supunha, eu estaria com as "autoridades" holandesas. Eu sabia, positivamente que seu maior bicho papão, o governador de Banka — um encantador, picante, bondoso almirante aposentado — tinha uma simpatia especial por ele.

Esta afirmação consoladora, que eu costumava sempre pôr em evidência, fazia o velho Nelson (ou Nielsen) brilhar por um momento; mas por fim ele sacudia a cabeça, em dúvida, como quem diz que estava tudo muito bem, mas que havia abismos na natureza do oficial holandês que ninguém, a não ser ele, havia jamais imaginado.

Perfeitamente ridículo.

Nessa ocasião da qual estou falando, o velho Nelson estava mesmo mal humorado, pois, enquanto eu tentava entretê-lo com uma

aventura engraçada e de certo modo escandalosa que acontecera a uma certa pessoa conhecida nossa em Saigon, ele exclamou, de repente: "Por quê, diabo, ele quer voltar aqui?!..." Sem dúvida, ele não tinha ouvido uma palavra da anedota. E isso me aborreceu, porque era realmente uma boa anedota.

Eu o encarei longamente.

"Ora, ora!", exclamei. "Você não sabe para quê Jasper Allen está vindo aqui?"

Esta era a primeira alusão clara ao verdadeiro estado de coisas entre Jasper e a filha dele. Ele recebeu muito tranquilamente.

"Ah! Freya é uma moça sensata", ele murmurou, ausente, os olhos da mente fixos nas "autoridades".

Não, Freya não era uma louca. Ele absolutamente não estava inquieto por isso. O camarada era apenas uma companhia para ela; ele divertia a menina, nada mais.

Quando o velho e perspicaz amigo deixou de resmungar, tudo ficou mudo na casa. Os outros dois estavam se divertindo muito silenciosamente e, sem dúvida, muito calorosamente. Que brincadeira mais absorvente e menos

ruidosa eles poderiam encontrar do que planejar seu futuro? Ao lado um do outro, na varanda, eles deviam estar olhando para o brigue, o terceiro personagem naquele fascinante jogo. Sem ele não haveria futuro. Ele era a fortuna e o lar, e o grande mundo livre, para eles. Quem compararia um navio a uma prisão? Que eu seja ignominiosamente enforcado em um mastro de convés, se isso é verdade. As velas brancas daquela embarcação eram as asas brancas — plumas, acredito, seria a palavra mais poética. Sim, as plumas brancas de seu sublime amor. Sublime, aos olhos de Jasper. Freya, sendo uma mulher, conservou-se mais ligada às conexões mundanas desse romance.

Mas Jasper estava elevado, no sentido verdadeiro da palavra, desde o dia em que, depois de terem estado observando o brigue, em um daqueles silêncios decisivos que sozinhos estabelecem perfeita comunhão entre criaturas dotadas com o dom da fala, ele propôs que ela partilhasse com ele a posse daquele tesouro. Na verdade, ele deu a ela o navio todo de presente. Mas o coração de Jasper estava preso ao brigue desde o dia em que o comprou, em Manila, de um certo peruano de meia idade, que vestia um sóbrio terno preto de casemira fina, enigmático e lacônico, que, pelo que eu sei, podia tê-lo roubado na costa sul-americana, de onde ele dissera ter vindo para as Filipinas, "por motivos de família".

Este "por motivos de família" era inegavelmente bom. Nenhum verdadeiro "caballero" se incomodaria em fazer perguntas depois dessa declaração.

De fato, Jasper era um perfeito caballero. O próprio brigue era, então, todo preto e enigmático, e muito sujo; uma gema enodada do mar, ou, dizendo melhor, uma obra de arte negligenciada. Pois deve ter sido um artista o obscuro construtor que havia juntado o corpo do brigue em maravilhosas linhas, feito da mais resistente madeira tropical, ligada com o mais puro cobre. Só Deus sabe em que parte do mundo ele foi construído. O próprio Jasper não tinha sido capaz de averiguar muito da história de seu palavroso e ardente peruano que vestia um sóbrio terno preto — se o camarada era um peruano e não o próprio demônio disfarçado, como Jasper, jocosamente, fingia acreditar. Minha opinião é que o brigue era bastante velho para ter sido um dos últimos navios corsários, ou ainda um navio negreiro, ou um veleiro transportador de ópio, nos dias antigos, se não um navio de contrabando.

Entretanto, fosse o que fosse, ele estava tão perfeito como no primeiro dia em que flutuou na água, velejou como um feiticeiro, foi pilotado como um pequeno barco e, como algumas mulheres belas de vida aventurosa, famosas na história, parecia possuir o segredo da juventude eterna; desta forma, nada havia de extraordinário no fato de Jasper Allen tratá-lo como se fora uma amante.

E aquele tratamento lhe restituía o brilho de sua beleza. Jasper o vestia com muitas camadas da melhor tinta, aplicada tão hábil, cuidadosa e artisticamente e conservada limpa, por sua amofinada tripulação de malaios de escol, que nenhum esmalte caro, como os que os joalheiros usam no seu trabalho, podia ter melhor aparência e parecer mais macio ao tacto. Uma moldura estreita marcava a elegante curvatura do convés; quando ele se postava sobre a água, ofuscava facilmente a profissional boa aparência de quaisquer iates de passeio, naqueles dias. De minha parte, devo dizer que prefiro uma moldura de cor carmim escuro, num casco branco. Dá um relevo mais forte, além de ser menos caro; eu o disse a Jasper. Mas não, nada menos do que a melhor folha de ouro faria, porque nenhuma decoração seria bastante para a futura residência de sua Freya.

Seus sentimentos pelo brigue e pela moça estavam indissolúvelmente unidos em seu coração como dois metais preciosos num cadinho. E a flama estava bastante quente, posso assegurar-lhe. Ela causava-lhe uma forte inquietação íntima, de atividade e desejo.

De rosto muito fino, uma onda lateral no cabelo castanho, magro, pernas longas, com um brilho ansioso nos olhos da cor do aço, e movimentos rápidos e bruscos, ele me fazia pensar, algumas vezes, na lâmina reluzente de uma espada perpetuamente saltando para fora da bainha. Era apenas quando ele estava perto da moça, quando ele a tinha lá, para olhá-la, que essa atitude particularmente tensa era substituída por uma grave e devota atenção aos menores movimentos e palavras dela. Sua tranquila, resoluto, capaz, bem humorada presença de espírito parecia fortificar-lhe o coração. Era a mágica de sua face, de sua voz, de seus olhares, que o acalmavam tanto? Contudo, essas eram as únicas coisas que se pode acreditar tivessem o dom de empolgar sua imaginação — se o amor começa na imaginação. Mas eu não sou homem para discutir tais mistérios e lembro-me agora que estamos negligenciando o pobre velho Nelson, inflando suas bochechas num estado de preocupação, na varanda do fundo.

Eu o fiz lembrar de que, afinal, Jasper não era um visitante muito frequente. Ele e seu brigue trabalhavam muito por todo o Arquipélago. Mas tudo o que o velho Nelson disse, e ele o fez de má vontade, foi: "Espero que Heemskirk não apareça, enquanto o brigue estiver por aqui."

Ficou com medo de Heemskirk, agora! Heemskirk! ... Realmente, é de se perder a paciência.

Capítulo II

Por favor, quem era Heemskirk? Vocês verão imediatamente como era desarrazoado esse medo de Heemskirk... Certamente, a sua natureza era bastante perversa. Isso ficava óbvio, tão logo se ouvia seu riso. Nada revela mais a secreta disposição de um homem do que o timbre solto de seu riso. Mas, valha-me Deus, se fôssemos nos assustar a cada gargalhada, como uma lebre a cada som, não estaríamos prontos para coisa alguma, a não ser a solidão de um deserto, ou a segregação de um eremitério. E mesmo lá, teríamos de acolher a inevitável companhia do demônio.

Entretanto, o demônio é um personagem considerável que conheceu melhores dias e que tem subido muito na hierarquia do Anfitrião Celestial; mas na hierarquia de meros terráqueos holandeses, Heemskirk, cujo princípio de vida não podia ter sido muito esplêndido, era meramente um oficial de marinha com 40 anos de idade, sem conexões ou habilidades especiais de que se vangloriar. Ele estava comandando o *Neptun*, uma pequena canhoneira empregada em cansativos serviços de patrulha, acima e abaixo no Arquipélago, para inspecionar comerciantes. Na verdade, não uma posição muito alta, eu lhe digo, nada mais do que um tenente comum de meia idade, com cerca de 25 anos de serviço, seguro de estar aposentado em não muito tempo — e é tudo.

Nunca ele cansou muito a cabeça quanto ao que estava acontecendo no grupo das Sete Ilhas, até quando soube, numa conversa em Mintok ou Palembang, eu suponho, que havia uma linda moça vivendo ali. Curiosidade, eu presumo, o fez ir bisbilhotar por toda parte e então, depois de ter visto Freya uma vez, ele pegou o costume de ir até o grupo de ilhas toda vez que se encontrava distante dele um dia e meio de viagem.

Não quero dizer que Heemskirk era um típico oficial de marinha holandês. Tenho visto muitos deles, para não cair num engano tão absurdo. Ele tinha um rosto grande, barbeado, faces chatas, grandes e morenas, com um nariz pequeno, adunco, e a boca pequena, contraída, apertada entre as faces. Havia uns poucos fios de prata em seus cabelos pretos e os olhos desagradáveis eram quase pretos, também. Tinha um modo grosseiro de lançar olhares enviesados, sem mover a cabeça, que estava assentada sobre um pescoço curto. O tronco forte, redondo, vestido com a jaqueta escura do uniforme com galões dourados, era sustentado por um par de pernas grossas, redondas, abertas, vestidas com calças brancas. Seu crânio redondo, sob um

quepe branco, era como se fosse imensamente grosso, também, mas havia nele miolos suficientes para descobrir o nervosismo do velho Nelson, e, malignamente, tirar disso vantagem, antes que tudo estivesse revestido da mais ínfima partícula de autoridade.

Heemskirk costumava ancorar naquela ponta e perambular silenciosamente por toda parte da plantação, como se tudo ali lhe pertencesse, antes de ir à casa; na varanda, ele se apossava da melhor cadeira e ali permanecia até o lanche ou o jantar — simplesmente ficava, sem se incomodar sequer em convidar-se, por uma palavra que fosse.

Ele devia ter sido despedido a pontapés, ainda que fosse apenas por seus modos com Miss. Freya. Fosse ele um selvagem nu, armado com lanças e flechas envenenadas, o velho Nelson (ou Nielsen) o teria atacado com seus próprios pulsos. Mas aquelas dragonas douradas — dragonas douradas holandesas, ainda por cima — eram o bastante para aterrorizar o velho camarada; assim, ele deixou o indivíduo tratá-lo com pesado desprezo, devorar sua filha com os olhos e beber a melhor parte de seu pequeno estoque de vinho.

Eu vi alguma coisa disto e, numa ocasião, tentei fazer uma observação sobre o assunto. Foi penoso ver a perturbação nos olhos redondos do velho Nelson. A princípio ele gritou que o tenente era um bom amigo seu: um sujeito muito bom. Eu prossegui,

fixando nele os meus olhos muito duros, de forma que por fim ele hesitou e teve de aceitar que, claro, Heemskirk não era, aparentemente, uma pessoa muito amável externamente, mas mesmo assim, no fundo...

"Eu nunca encontrei um holandês amável aqui", interrompi.

"Amabilidade, enfim, não tem muita importância, mas você não vê..."

Nelson pareceu subitamente tão assustado pelo que eu ia falar que me faltou coragem para continuar. Claro que eu ia dizer-lhe que o sujeito estava atrás da filha dele. Isso estava claro. O que Heemskirk esperaria, ou o que ele pensava poder fazer, eu não sei. Por tudo o que eu posso dizer, ele deve ter-se julgado irresistível, ou tomado Freya pelo que ela não era, por causa de sua maneira jovial, segura, sem constrangimento. Mas aí está. Ele estava atrás daquela moça. Nelson podia ver isso o bastante. Apenas preferia ignorá-lo. Não queria que lhe falassem daquilo.

"Tudo o que eu quero é viver em paz e tranquilamente com as autoridades holandesas", ele murmurou, envergonhado.

Ele era incurável. Eu tinha pena dele e, realmente, penso que Miss. Freya, também. Por sua causa, ela se retraía e, como em tudo o que ela fazia, o fazia com simplicidade, sem afetação, e mesmo com bom humor. E com um pouco de esforço, porque nas atenções de Heemskirk havia agora um insolente toque de desprezo, difícil de se suportar.

Holandeses desse tipo são opressores com os seus inferiores, e aquele oficial do rei olhava para Nelson e Freya como inteiramente abaixo dele, de qualquer ponto de vista.

Eu não posso dizer que tinha pena de Freya. Ela não era do tipo de moça que vê as coisas tragicamente. Podíamos condoer-nos dela, compartilhar de suas dificuldades, mas ela parecia a mesma em qualquer situação.

Admiração era o que ela mais inspirava, por sua competente serenidade. Apenas quando Jasper e Heemskirk estavam juntos, no bangalô, o que acontecia de vez em quando, é que ela sentia tensão, e mesmo então, não era coisa de ser notada. Só meus olhos podiam perceber uma ligeira sombra na radiância de sua personalidade. Certa vez, não pude deixar de dizer-lhe, elogiosamente: "Palavra de honra, você é maravilhosa!"

Ela deixou passar, com um ligeiro sorriso. "O importante é evitar que Jasper se torne irracional", ela disse; e eu pude ver uma real apreensão escondida no fundo tranquilo de seus olhos, dirigidos diretamente para mim. "Você vai ajudar-me a mantê-lo sossegado, não?"

"Claro, devemos mantê-lo sossegado", declarei, compreendendo muito bem a natureza de sua ansiedade. "Ele também é um lunático, quando está excitado."

"Isto mesmo", ela concordou, com brandura, pois era nosso costume, em brincadeira, falarmos dele jocosamente. "Mas eu o domei um pouco. Hoje, ele já é "um bom rapaz.-

"Ele esmagaria Heemskirk como o faria com um besouro", acrescentei.

"Certamente!", ela murmurou. "E isso não pode acontecer. Imagine o estado em que ficaria o pobre Papai! Além disso, eu pretendo ser a dona do lindo brigue, e navegar por estes mares, e não vagando a 10 mil milhas daqui."

"Quanto mais depressa você chegar a bordo, para cuidar do homem e do brigue, melhor", disse eu com seriedade. "Eles precisam de você para dar-lhes um pouco de estabilidade. Não acredito que Jasper possa estar calmo aqui embaixo, enquanto ele não a houver levado desta ilha. Você não o vê como eu, quando ele está longe.

Ele fica em um estado de perpétua sublimação, que quase me assusta."

Ouvindo isso, ela sorriu ligeiramente e depois ficou séria, pois não podia ser desagradável para ela que lhe falassem de seu poder; e havia nela algum senso de responsabilidade. De repente, ela afastou-se rapidamente de mim, pois Heemskirk, com o velho Nelson cortesmente a seu lado, vinha subindo os degraus da varanda.

Logo que sua cabeça apareceu acima do nível do assoalho, os olhos negros maldosos puseram-se a atirar olhares por aqui e por ali.

"Onde está tua filha, Nelson?", ele perguntou, num tom, como se todas as almas do mundo lhe pertencessem. E depois, para mim. "A deusa voou, hein?"

A Angra do Nelson, como nós costumávamos dizer, estava cheia de embarques, naquele dia. Primeiro, meu vapor, depois, o Neptun e mais adiante, o brigue Bonito, ancorado, como de costume, tão perto da praia que era como se com um pouco de habilidade e raciocínio, se pudesse arremessar um chapéu da varanda para o tombadilho superior, escrupulosamente limpo com pedra especial. Seus metais brilhavam como ouro, a pintura branca lustrava como uma veste de cetim. A grade dos remos envernizados e as grandes vergas, meticulosamente quadradas, davam ao Bonito uma espécie de elegância marcial. Ele era uma beleza. Não é de se admirar que na posse de um navio como aquele e da promessa de uma moça como Freya, Jasper vivesse num estado de perpétua sublimação, ajustado, talvez, para viver no sétimo céu, mas não exatamente a salvo num mundo como o nosso.

Observei polidamente a Heemskirk que, com três hóspedes na casa, Miss. Freya tinha, sem dúvida, assuntos domésticos para atender. Eu sabia, é claro, que ela havia ido encontrar Jasper em uma certa clareira, à margem da única corrente de água na pequena ilha de Nelson. O comandante do Neptun dirigiu-me um dubio olhar negro e começou a pôr-se à vontade, lançando seu pesado corpo cilíndrico numa cadeira de balanço e desabotoando o casaco. O velho Nelson sentou-se no lado oposto a ele, na posição mais despretensiosa possível, olhando fixamente com os olhos redondos e abanando-se com seu próprio chapéu. Eu tentei manter conversação, para passar o tempo — não uma tarefa fácil, com um moroso, enamorado holandês constantemente olhando de porta para porta e respondendo às minhas tentativas de aproximação com uma zombaria, ou um resmungo.

De qualquer modo, a tarde transcorreu bem. Afortunadamente, há um grau de felicidade muito intenso para a sublimação. Jasper estava calado, e

silencioso, na contemplação de Freya. Quando fomos para bordo de nossos respectivos navios, me ofereci para rebocar o navio dele para fora, na manhã seguinte. Fiz isso de propósito, para afastá-lo o mais cedo possível. Assim, na primeira luz fria da madrugada, passamos pela canhoneira jazendo, preta e imóvel, sem um som, na boca da angra gelada.

Mas, com rapidez tropical o sol havia subido duas vezes o seu diâmetro acima do horizonte, antes que tivéssemos rodeado o rochedo e chegado à frente da ponta.

Sobre a pedra maior estava Freya, de pé, toda de branco, usando seu capacete — como uma estátua feminina e guerreira — a face rosada, como, com meus binóculos, eu pude ver muito bem. Ela agitava um lenço e Jasper, correndo, subiu no cordame do brigue branco e marcial, e agitou seu chapéu, em resposta. Logo depois, partimos, eu, na direção norte e Jasper, para leste, com um vento leve, rumo a Banjermassin e dois outros portos; acredito que a viagem era essa.

Esta ocasião pacífica foi a última na qual eu vi todas essas pessoas reunidas: a encantadoramente fresca e resoluta Freya, o inocente Nelson, dos olhos redondos, Jasper, vivaz, de pernas compridas, rosto comprido, admiravelmente contido em suas maneiras porque inconcebivelmente feliz sob os olhos de sua Freya; altos, os três, os olhos em vários tons de azul, e, entre eles, o moreno e arrogante holandês de cabelos pretos, mais baixo aproximadamente uma cabeça e tão mais gordo do que os outros que parecia ser uma criatura capaz de se inflar, um grotesco espécimen de humanidade, vindo de algum outro planeta.

O contraste chocou-me de repente, quando permanecíamos na varanda iluminada, depois de deixarmos a mesa de jantar. Fiquei fascinado por ele, pelo resto da noite, e me lembro até hoje da impressão de alguma coisa engraçada e de mau agouro ao mesmo tempo.

Capítulo III

Poucas semanas mais tarde, numa manhã bem cedo, chegando a Singapura de uma viagem ao sul, eu vi o brigue ancorado, na sua usual simetria e esplendor de aspecto, como se tivesse sido tirado de uma caixa de vidro e colocado delicadamente dentro da água naquele exato momento.

Ele estava bem fora do ancoradouro, mas eu naveguei para dentro e ocupei meu lugar habitual no cais, bem em frente da cidade. Antes de terminarmos nosso café da manhã o contramestre veio dizer-me que o navio do capitão Jasper Allen estava vindo no nosso rumo. Seu elegante escaler postou-se ao nosso lado e em dois saltos ele estava na escada de portaló, sacudindo minha mão com seu agarrar nervoso, os olhos dardejando inquisitivamente, pois ele supunha que eu tivesse aportado em Sete Ilhas na minha passagem. Eu procurei em meu bolso um pequeno bilhete, que ele pressurosamente tomou-me da mão, sem cerimônia, e levou consigo pela ponte afora, para lê-lo sozinho.

Depois de uma espera decente, eu subi à sua procura e encontrei-o caminhando para lá e para cá, pois o caráter de suas emoções tornava-o agitado mesmo nos momentos mais contemplativos.

Ele sacudiu a cabeça para mim, triunfante. "Bem, meu caro amigo", ele disse, "estarei contando os dias agora!"

Compreendi o que ele queria dizer. Eu sabia que aqueles jovens já haviam decidido sua vida a dois, sem as preliminares oficiais. Foi realmente uma decisão lógica.

O velho Nelson (ou Nielsen) nunca consentiria pacificamente em dar Freya a este comprometedor Jasper. Céus! O que diriam as autoridades holandesas a um casal desse tipo? Parece muito ridículo para palavras. Mas há alguma coisa no mundo mais egoisticamente difícil do que um homem tímido, num sobressalto sobre sua "pequena propriedade", como o velho Nelson costumava dizer, como quem se desculpa. Um coração saturado por uma particular espécie de medo, está à prova de compreensão, sentimento e ridículo. É uma pedra.

Jasper teria feito o pedido de qualquer maneira, e então tomado seu próprio caminho, mas foi Freya quem decidiu que nada seria dito, pela razão de que "Papai apenas se angustiará a ponto de enlouquecer". Ele era capaz de adoecer e então ela não teria coragem de deixá-lo. Aqui se vê o bom

senso da perspectiva feminina e a franqueza da razão feminina. E além disto, Miss. Freya podia compreender "o pobre querido papai" como uma mulher compreende um homem — como um livro aberto. Uma vez sua filha tendo ido embora, o velho Nelson não se afligia. Ele faria um grande berreiro e um lamentável espalhafato sem fim, mas isso não é a mesma coisa. Ele seria poupado das agonias reais da indecisão, da angústia de sentimentos conflitantes. E, como ele era muito modesto para se encolerizar, depois de um período de lamentações voltaria a se dedicar à sua "pequena propriedade" e a manter-se em bons termos com as autoridades.

O tempo faria o resto. E Freya pensou que poderia permitir-se esperar, dirigindo seu próprio lar no bonito brigue e o homem que a amava. Isto era uma vida apropriada para ela, que tinha aprendido a caminhar no convés de um navio; era uma menina de navio, uma menina do mar, se alguma vez houve uma.

E, certamente, ela amava Jasper e confiava nele; mas havia uma sombra de ansiedade no seu orgulho. É muito bonito e romântico possuir como nossa uma espada de lâmina finamente temperada, mas se essa é a melhor arma para agir contra as porretadas do destino — essa é uma outra questão.

Ela sabia que, dos dois, era ela quem tinha mais substância — não é preciso pensar em nenhuma pilhéria barata, não estou me referindo ao peso dos dois. Ela ficava apenas um pouco ansiosa, enquanto ele estava fora e como me tinha como sendo um experimentado confidente, tomava, frequentemente, a liberdade de sussurrar: "Quanto mais depressa, melhor". Mas havia uma veia peculiar de obstinação em Miss. Freya, e sua razão para o adiamento era uma característica. "Não antes do meu aniversário de vinte e um anos: então, não haverá dúvida nas cabeças dos outros quanto a eu ter bastante idade para saber o que estou fazendo."

Os sentimentos de Jasper estavam sob tal domínio que ele nunca havia nem mesmo objetado contra essa decisão. Ela era esplêndida em tudo o que dizia ou fazia, isso era tudo para ele. Acredito que ele, no fundo, fosse bastante engenhoso para estar mesmo lisonjeado — algumas vezes. E então, para consolá-lo, ele tinha o brigue, que parecia impregnado com o espírito de Freya, desde que qualquer coisa que ele fizesse a bordo era sempre feita sob a suprema sanção de seu amor.

"Sim. Logo eu começarei a contar os dias", ele repetiu. "Onze meses mais. Nesse tempo, terei de fazer três viagens."

"Tome cuidado para não se lamentar de tentar realizar coisas impossíveis", o adverti. Mas ele dispensou meu conselho com uma risada e um gesto alegre. Puxa! Nada, nada poderia acontecer com o brigue, ele gritou, como se a chama de seu coração pudesse iluminar as noites escuras de mares fora do mapa e a imagem de Freya servisse como um farol seguro entre baixios ocultos; como se os ventos tivessem de esperá-lo no seu futuro e as estrelas tivessem de lutar por ele nos seus cursos; como se a magia de sua paixão tivesse o poder de fazer flutuar um navio numa gota de orvalho ou navegar através do fundo de uma agulha, simplesmente porque era seu magnífico destino ser a serva de um amor tão cheio de graça como tornar todos os caminhos do mundo salvos, resplendentes e fáceis.

"Suponho", eu disse, depois de ter terminado de rir à minha bastante inocente observação "que você vai partir hoje?"

Era o que ele pretendia fazer. Não tinha saído com a luz do dia, porque esperava por mim.

"E apenas adivinhe o que me aconteceu ontem", ele prosseguiu. "Meu imediato deixou-me de repente. Teve de ir. E como não havia ninguém à mão, vou levar Schultz comigo. O famoso Schultz. Por que você não se surpreende? Pois eu lhe digo que saí atrás dele e desenterrei Schultz na noite passada, depois de um trabalho sem fim. 'Eu sou um homem seu, capitão', ele me disse naquela sua voz maravilhosa, 'mas lamento confessar que estou sem roupas para pôr em cima do corpo. Tive de vender meu guarda-roupa para comer um pouco, cada dia.' Com que voz aquele homem foi dotado! Uma voz capaz de mover pedras... Mas as pessoas pareciam acostumadas com isso. Eu nunca o tinha visto antes e, palavra de honra, senti virem lágrimas aos meus olhos! Felizmente, estávamos num fim de tarde. Ele estava sentado muito quieto sob uma árvore, num acampamento nativo, tão magro como uma ripa; e quando eu olhei para ele tudo o que ele tinha sobre o corpo era uma velha camiseta de algodão e um trapo de calças de pijama. Comprei para ele seis conjuntos brancos e dois pares de sapatos de lona. Não posso desatracar o navio sem um imediato. Preciso ter alguém. Estou indo à praia para contratá-lo e levá-lo comigo para sair de viagem. Ora, eu sou um lunático, não? Louco, é claro! Pode falar!

Vamos lá! Gosto de vê-lo ficar exaltado!"

Ele esperava, com tanta evidência, que eu lhe desse uma repreensão, que tive um prazer especial em exagerar a calma de minha atitude.

"O pior que pode ser trazido à baila contra Schultz é", eu comecei, dobrando os braços e falando desapaixonadamente, "um hábito inconveniente de roubar as cortinas de cada navio onde esteve. Ele o fará. É, realmente, tudo o que há de errado. Não dou crédito absolutamente àquela história que o capitão Robinson conta, de Schultz conspirando em Chantabim com alguns rufiões num junco chinês para roubar a âncora do arco de estibordo da escuna Bohemian Girl.

A história é ao mesmo tempo muito ingênua. Aquela outra dos engenheiros do Nan-Shan encontrando Schultz à meia noite na sala de máquinas, ocupado em martelar os mancais de metal para levá-los e vender nas praias, parece-me mais autêntica. Fora esta pequena fraqueza, deixa-me dizer que Schultz é um marinheiro mais capaz do que muitos que nunca tomaram uma gota de bebida em suas vidas e talvez não seja moralmente pior do que alguns homens que você e eu conhecemos, que nunca roubaram o valor de um centavo. Ele pode não ser uma pessoa desejável para termos a bordo do nosso navio, mas, desde que não tenhamos escolha, pode-se dar um jeito nele, creio. O importante é conhecer sua psicologia. Não lhe dê dinheiro algum até que ele tenha terminado o serviço para você. Nem um centavo, se ele insistir em pedir.

Pois, tão certo como a morte, no momento em que você lhe der dinheiro, ele vai começar a roubar. Lembre-se disso!"

Tive gosto em ver a surpresa incrédula de Jasper.

"Vai coisa nenhuma!", ele gritou. "Por que iria, santo Deus? Você está tentando divertir-se à minha custa, camarada?"

"Não, eu não estou. Você precisa compreender a filosofia do Schultz. Ele não é um vadio, nem um mascate. Não é provável que ele ande por aí à procura de alguém que lhe pague bebida. Mas suponha que ele vá à praia com cinco dólares, ou cinquenta, no bolso, para esse fim. Depois do terceiro ou quarto copo ele fica embriagado e generoso. Ele até deixa cair seu dinheiro por toda parte ou, em vez disso, o dá para alguém que o levará. Então lhe ocorre que a noite ainda é uma criança e que ele pode pedir uma boa quantidade de bebida ainda para ele e seus amigos, antes do amanhecer. Depois, ele parte alegre, para seu navio. Suas pernas nunca ficam afetadas, nem tampouco a cabeça, na maneira usual. Ele embarca e simplesmente apanha a primeira coisa que lhe parece apropriada — a lâmpada da cabina, um rolo de cordas, um pacote de biscoitos, um tambor de óleo — e converte

em dinheiro, sem pensar duas vezes sobre o assunto. Este é o processo, nenhum outro. Você terá apenas de cuidar para que ele não comece, é tudo!"

"Para o diabo, a sua psicologia!" resmungou Jasper. "Mas um homem com uma voz igual à dele está habilitado para falar com os anjos. Ele é incurável, você acha?"

Eu disse que sim. Ninguém o havia perseguido, ainda, mas ninguém mais o empregava. Seu fim, eu temia, seria morrer de fome num buraco qualquer.

"Bem", refletiu Jasper, "o Bonito não está viajando para nenhum porto da civilização. Isso tonará mais fácil para ele conservar-se honesto."

Isso era verdade. O comércio do brigue era em costas não civilizadas com rajás obscuros, habitando em lugares quase desconhecidos; com povoados nativos sobre rios misteriosos, abrindo seus estuários sombrios, rodeados de floresta, entre um caos de pálidos recifes verdes e ofuscantes bancos de areia, em estreitos solitários de calma água azul, tudo num resplendor pela luz do sol. Sozinho, longe das rotas batidas, o brigue deslizava, todo branco, em volta de escuros promontórios sombrios, saía furtivamente, silencioso como um fantasma, por trás de pontas de terra espalhando-se inteiramente negras, dentro do luar, ou deitado contra o vento, como um pássaro marinho adormecido sob a sombra de alguma montanha sem nome, esperando por um sinal. Ele apareceria de relance em dias nevoentos, tempestuosos, atirando desdenhosamente para um lado as ondas curtas, agressivas, do Mar de Java. Ou era visto ao longe, muito longe, numa mancha branca minúscula, ofuscante, flutuando além das massas púrpuras de nuvens de tempestade empilhadas no horizonte. Às vezes, nos raros caminhos de correio, onde a civilização luta contra o mistério selvagem, quando passageiros ingênuos aglomerados ao longo da grade exclamavam apontando para ele: "Veja! Lá está um iate!", o capitão holandês, com um olhar hostil, resmungava, com pouco caso: "Iate, não! É apenas o inglês Jasper, um mascate — "Um bom marinheiro, você quer dizer", exclamou Jasper, ainda referindo-se ao incorrigível Schultz, de voz maravilhosamente tocante.

"De primeira classe. Pergunte a qualquer pessoa. Inteiramente digno de se ter — apenas, é impossível", disse eu.

"Ele terá sua oportunidade de regeneração, no brigue", disse Jasper, com uma risada. "Não haverá tentações, seja para beber ou para roubar, onde estou indo desta vez."

Não fiz pressão sobre ele em qualquer coisa mais definida, naquele ponto. De fato, apesar de sermos íntimos, eu não tinha uma noção muito clara de seus negócios em geral.

Mas, quando íamos pela praia em seu trole, ele perguntou, de repente: "Por falar nisso, você sabe onde está Heemskirk?"

Eu olhei-o dissimuladamente e fiquei tranquilizado. Ele havia feito a pergunta, não como um amante, mas como um negociante. Eu lhe disse que havia ouvido em Palembang que o Neptun estava de serviço ao sul, perto de Flores e Sumbava. Inteiramente fora de sua rota. Ele demonstrou sua satisfação.

"Você sabe", ele prosseguiu, "aquele camarada, quando chega à costa de Borneo, diverte-se em derrubar meus faróis. Eu já tive de repor uns tantos para ajudar-me a entrar e sair dos rios. No começo deste ano, um mercador de Celebes, numa embarcação parada pela calmaria, observou-o em ação. Ele fez a canhoneira abalroar com toda força dois deles, um depois do outro, reduzindo-os a destroços e depois fez baixar um bote para empurrar um terceiro, que, seis meses mais tarde, eu tive um grande trabalho de escorar com varas e paus no meio de uma terra lamacenta, como linha da maré alta. Alguma vez você já ouviu uma coisa mais exasperante?"

"Eu não brigaria com esse sujeito", observei casualmente, detestando aquele relato. "Não vale a pena."

"Uma briga?!", exclamou Jasper, "eu não quero brigar. Eu não quero tocar num fio de cabelo daquela cabeça feia. Meu caro, quando eu penso no aniversário de vinte e um anos Freya, todo mundo é meu amigo, incluindo Heemskirk. De qualquer modo, é uma brincadeira sórdida, odiosa."

Despedimo-nos um tanto apressadamente no cais, cada um de nós tendo seu próprio assunto para resolver. Eu teria ficado muito mais magoado, se soubesse que aquele apressado aperto de mão, com um "Até logo, velho amigo. Boa sorte!" seria a última de nossas despedidas.

Na sua volta aos estreitos, eu estava fora e ele partiu novamente, antes que eu voltasse. Ele estava tentando realizar três viagens antes do aniversário de 21 anos de Freya. Na angra de Nelson eu notei, novamente a falta dele por apenas um par de dias. Freya e eu conversamos sobre "aquele lunático" e "perfeito idiota" com grande prazer e infinita simpatia. Ela estava muito radiante, com uma alegria mais pronunciada, não obstante ter havia pouco se separado de Jasper. Mas aquela seria sua última separação.

"Embarque o mais depressa possível, Miss. Freya!", pedi. Ela olhou-me diretamente no rosto, um pouco enrubescida, e com uma espécie de ardor solene; talvez houvesse uma pequena fascinação na sua voz.

"Exatamente no dia seguinte." Ah, sim! Exatamente no dia seguinte ao seu aniversário de 21 anos! Eu estava satisfeito com aquela sugestão de um profundo sentimento.

Era como se ela, enfim, se tivesse impacientado do adiamento a que se impusera. Eu supus que a recente visita de Jasper a tivesse impressionado profundamente.

"Tudo bem!", disse eu, com aprovação. "Ficarei muito mais tranquilo quando souber que você está cuidando daquele lunático. Não perca um só minuto. Ele, naturalmente, estará aqui na hora exata — a não ser que o céu venha abaixo."

"Sim. A não ser que...", ela repetiu, num brando murmúrio, levantando os olhos para o céu vespertino, sem uma única mancha de nuvem em parte alguma. Silenciosos por algum tempo, ela deixou os olhos vagarem por sobre as águas, parecendo misteriosamente tranquilas ao luar, como se confiantemente acalmadas para um longo, longo, sonho na quente noite tropical. E a paz, por toda a nossa volta, parecia sem limites e sem fim.

E então começamos novamente a falar de Jasper na nossa disposição usual. Nós estávamos de acordo em que ele era inquieto, em muitos pontos. Felizmente, o brigue era adequado à situação. Aparentemente, nada era demais para ele. Uma perfeita preciosidade de navio. Ela e o pai haviam passado a tarde a bordo. Jasper lhes havia oferecido chá. "Papai estava amuado."

Vislumbrei o velho Nelson sob os toldos brancos como neve, acalmando seu desgosto e abanando-se com o chapéu. Um pai cômico... Como um novo exemplo do aluamento de Jasper, contaram-me que ele estava infeliz por não ter os trincos de todas as portas de cabinas do navio feitos em prata de lei. "Como se eu pudesse concordar com isso!", comentou Miss. Freya, com uma indignação divertida. Incidentalmente, eu soube também que Schultz, o cleptomaníaco náutico de voz patética, estava ainda preso ao seu emprego, com a aprovação de Miss. Freya. Jasper havia confiado à dona de seu coração seu propósito de dar uma arrumação na psicologia do sujeito. Sim, realmente. Todo mundo era seu amigo, porque todo mundo respirava o mesmo ar que Freya.

De uma forma ou de outra, eu trouxe à baila o nome de Heemskirk e, para minha surpresa, assustei Miss. Freya. Seus olhos mostravam alguma coisa como aflição, ao mesmo tempo que ela mordia o lábio, como para conter uma explosão de riso. Oh, sim. Heemskirk estava no bangalô ao mesmo tempo que Jasper, mas chegou um dia depois. Ele saiu no mesmo dia que o brigue, umas poucas horas mais tarde.

"Que incômodo ele deve ter causado a vocês dois!", eu disse, com preocupação.

Seus olhos lampejaram para mim uma espécie de alegria assustada. E de repente ela explodiu numa risada. Mr. Há!

Eu a imitei cordialmente, mas não com aquele seu encanto "Há! Há! Há!... Não é grotesco? Há! Há! Há!" E a comicidade dos ferozes olhos redondos do velho Nelson, associada à sua maneira conciliatória para com o tenente, veio-me à mente, provocando um outro ataque de riso.

"Ele parece", eu disse, muito alto, "ele parece — Há! Há! Há! — entre vocês três ... parece um infeliz besouro negro. Há! Há! Há!"

Ela soltou um outro riso sonoro, correu para fora, para seu quarto, e bateu a porta atrás de si, deixando-me profundamente perplexo. Parei de rir de repente.

"Qual é a graça?", perguntou a voz do velho Nelson, que estava a meio caminho, escada abaixo.

Ele entrou, sentou-se, e soprou o ar das bochechas, parecendo inexpressivamente fátuo. Mas eu não queria rir mais. E de que, meu Deus, estivéramos rindo, daquela maneira incontrolável? Eu me senti subitamente deprimido.

Ah, sim! Freya havia começado. A moça está superexcitada, pensei. E realmente não se podia entender aquilo.

Eu não tinha resposta para a pergunta do velho Nelson, mas ele estava demasiado exacerbado pela visita de Jasper, para pensar em alguma coisa mais. Ele perguntou-me se eu poderia encarregar-me de sugerir a Jasper que ele não era benquisto no grupo das Sete Ilhas. Eu declarei que aquilo não era necessário. Por certas circunstâncias de que tinha tomado conhecimento ultimamente, eu tinha razão de pensar que ele não seria muito importunado por Jasper, no futuro.

Ele emitiu um fervoroso "Graças a Deus" que quase me fez rir novamente, mas ele não se animou tanto. Parecia que Heemskirk se tinha empenhado em fazer-se desagradável.

O tenente tinha assustado muito o velho Nelson, falando de uma sinistra preocupação com o fato de o governo permitir que um homem branco se estabelecesse naquele local.

"É contra nossa política oficial!", ele comentara. Ele o tinha, também, acusado de não ser, na realidade, nada melhor do que um inglês. E tinha, mesmo, tentado acender uma discussão com o velho Nelson, por ele não aprender a falar holandês.

"Eu lhe disse que era muito velho para aprender, agora", suspirou o velho Nelson (ou Nielsen), sombriamente. "Ele disse que eu devia ter aprendido muito tempo antes. Que eu tinha ganho minha vida em territórios holandeses. Era uma vergonha que eu não falasse holandês, ele disse. Ele foi tão grosseiro comigo, como se eu fosse um chinês."

Estava claro que ele havia sido perversamente afligido. Ele não disse quantas garrafas de seu melhor clarete ele havia oferecido, no altar da conciliação. Deve ter sido uma generosa libação. Mas o velho Nelson (ou Nielsen) era realmente hospitaleiro. Ele não fazia conta daquilo e apenas lamentava que essa virtude não fosse abundante no tenente-comandante do Neptun. Eu desejei dizer-lhe que provavelmente ele viria a ser livrado das visitas de Heemskirk, também. Eu não o fiz apenas pelo medo (absurdo, admito) de fazer surgir alguma suspeita em sua mente. Como se com este ingênuo pai de comédia uma tal coisa fosse possível!

Bastante estranhamente, as últimas palavras do caso Heemskirk foram ditas por Freya, naquele mesmo sentido. O tenente tinha, persistentemente, interferido na conversação de Nelson, durante o jantar. Por fim, eu resmunguei um pouco audível: "Ao diabo, o tenente!" Eu podia ver que a menina estava ficando exasperada, também. "E ele não estava bem, absolutamente — estava, Freya?", o velho Nelson prosseguiu, resmungando. "Talvez fosse o que o fez tão rabugento, não, Freya? Ele parecia muito mal, quando nos deixou, tão repentinamente. Seu fígado deve estar em mau estado, também."

"Ah, ele acabará ficando bem", disse Freya, impacientemente, "e deixe de se mortificar por ele, papai, É muito provável que o senhor não o veja por um longo tempo, no futuro."

O olhar que ela me lançou, em resposta ao meu discreto sorriso, não escondia em si nenhuma jovialidade. Os olhos dela pareciam encovados, seu rosto tornado lívido, em algumas horas. Tínhamos estado rindo demasiadamente. Esgotada! Esgotada pela aproximação do momento

decisivo. Afinal, sincera, corajosa e confiante em si mesma como era, ela deve ter sentido ao mesmo tempo, paixão e pesar criei sua resolução. A própria força do amor que a levará àquele ponto deve tê-la colocado sob um grande tensão moral, na qual haveria um pouco de remorso, também. Pois ela era honesta — e ali, do outro lado da mesa, sentava-se o pobre velho Nelson (ou Nielsen), encarando-a com seus olhos redondos, e tão pateticamente cômico no seu aspecto irritadiço, como para tocar o coração mais jovial.

Ele retirou-se cedo para seu quarto a fim de acalmar-se para uma noite de repouso examinando seus livros de contabilidade. Por uma outra hora, ou mais, ela e eu permanecemos na varanda, mas trocamos apenas frases lânguidas, ou coisas sem importância, como se tivéssemos estado emocionalmente saturados por nossos longos dias de conversa sobre um único assunto momentoso. No entanto havia uma coisa que ela devia ter contado a um amigo. Mas não o fez. Nós nos despedimos silenciosamente.

Ela suspeitou de minha falta de bom senso masculina, talvez... Ah, Freya!

Descendo a álea íngreme que levava ao desembarcadouro, fui confrontado, nas sombras de seixos e bosques, por uma figura feminina, cuja aparência espantou-me, a princípio. Ela deslizou para o meu caminho repentinamente, de trás de um bloco de rocha. Mas de repente ocorreu-me que não podia ser ninguém mais que a criada de Freya, uma meio-sangue málaco-portuguesa. Viam-se relances de seu rosto oliva, e ofuscantes dentes brancos, por perto da casa. Eu também a tinha observado algumas vezes, à distância, quando ela se sentava ao alcance da voz, à sombra de alguma árvore frutífera, escovando e trançando seus longos e negros cabelos.

Parecia ser aquela a principal ocupação de suas horas de ócio. Muitas vezes tínhamos trocado acenos de cabeça e sorrisos — e umas poucas palavras, também. Ela era uma criatura graciosa. E uma vez eu, com gosto, a estivera observando fazendo graças e caretas expressivas, às costas de Heremskirk.

Eu soube (por Jasper) que ela estava ciente do segredo, como uma camareira de teatro. Ela ia acompanhar Freya em seu caminho irregular para o matrimônio e "sempre procurando" felicidade. Por que estaria ela perambulando por perto da angra — a não ser por um próprio caso de amor? — eu me perguntei. Mas não havia ninguém à altura dela dentro do grupo das

Sete Ilhas, que eu soubesse. Tive um lampejo que seria a mim próprio que ela estivera esperando ali.

Ela hesitou, embuçada da cabeça aos pés, sombria e tímida. Eu avancei um passo, e como eu me senti, não é da conta de ninguém.

"O que é?", perguntei, muito baixo. "Ninguém sabe que eu estou aqui", ela murmurou.

"E ninguém pode ver-nos", respondi. O murmúrio das palavras "Ando tão assustada..." chegou até meus ouvidos. Exatamente então, 14 metros acima de nossas cabeças, vindo da varanda ainda iluminada, a voz de Freya soou num chamamento claro, imperioso: "Antônia!" Com uma exclamação abafada, a hesitante moça desapareceu do caminho. Uma moita, por perto, farfalhou; depois, silêncio.

Eu me lembro das ocorrências daquela visita, especialmente porque foi a última vez que eu vi o bangalô de Nelson. Chegando aos estreitos, recebi mensagens telegráficas que me fizeram abrir mão de meu emprego e ir para casa imediatamente. Tive uma luta desesperada para tomar o navio-correio que devia sair no dia seguinte, mas encontrei tempo para escrever duas cartas, uma para Freya e outra para Jasper. Mais tarde, escrevi detalhadamente para Allen. Não obtive resposta. Então procurei seu irmão, ou melhor, meio-irmão, um procurador na cidade, um homenzinho pálido, calmo, que olhava para mim por cima de seus óculos, pensativo.

Jasper era o único filho do segundo casamento de seu pai, um procedimento que não foi aprovado pela família adulta.

"Você diz que há muito tempo não o vê", repeti com um secreto desconforto. "Eu posso perguntar o que significa esse 'muito tempo' no nosso caso?"

"Significa que não me importa se eu sei notícias dele ou não." Respondeu o pequeno homem da lei, tornando-se, de repente, sórdido.

Eu não podia censurar Jasper por não desperdiçar seu tempo em correspondência com um parente tão ultrajante. Mas por que ele não escrevia para mim, um tipo de amigo decente, afinal? Bastante amigo para encontrar para seu silêncio a desculpa do esquecimento natural no estado de uma felicidade transcendental. Esperei indulgentemente, mas nunca chegou nada.

E o Oriente parecia cair fora de minha vida sem um eco, como uma pedra caindo dentro de um poço de prodigiosa profundidade.

Capítulo IV

Suponho que razões dignas de elogios são uma justificativa suficiente para quase qualquer coisa. O que poderia ser mais louvável no abstrato do que a determinação de uma moça de que "o pobre papai" não devesse se aborrecer, e sua ansiedade para que o homem de sua escolha fosse protegido de qualquer maneira, de qualquer ocasião de fazer alguma coisa irrefletida, uma coisa que pudesse pôr em perigo todo o esquema da felicidade deles?

Nada podia ser mais terno e mais prudente. Devemos também nos lembrar do temperamento seguro de si e da geral má vontade das mulheres — quero dizer das mulheres sensatas — de fazerem espalhafato sobre assuntos dessa espécie.

Como já foi dito, Heemskirk apareceu pouco depois da chegada de Jasper à Angra do Nelson. A vista do brigue ancorado exatamente abaixo do bangalô era muito ofensiva para ele. Não desembarcou voando, antes que a âncora tocasse a terra, como Jasper costumava fazer. Pelo contrário, ele ficou indeciso, resmungando consigo mesmo no seu tombadilho superior; e quando ordenou que seu bote fosse equipado, foi com voz áspera. A existência de Freya, que elevara Jasper acima de si mesmo, para um júbilo abençoado, era para Heemskirk a causa de um tormento secreto, de horas de preocupação exasperada.

Enquanto passava pelo brigue, ele fez um cumprimento acre e perguntou se o dono estava a bordo. Schultz, elegante e esmerado, num imaculado uniforme branco, inclinou-se sobre o gradil achando a pergunta um tanto engraçada. Olhou jocosamente para baixo, para dentro do bote de Heemskirk e respondeu, na mais amável das modulações.

de sua bonita voz: "O capitão Allen está lá em cima, na casa, senhor." Mas sua expressão mudou rapidamente, ao selvagem resmungo: "Ora, por que diabo você está rindo?", que acusava o recebimento daquela informação.

Ele observou o desembarque de Heemskirk, que, em vez de ir para a casa, andou por um outro caminho, entrando no terreno em volta.

O holandês atormentado pelo desejo encontrou o velho Nelson (ou Nielsen) em seus telheiros de secagem, muito ocupado, superintendendo a manipulação de sua colheita de tabaco que, embora pequena, era de

excelente qualidade, e divertindo-se muitíssimo. Mas Heemskirk bem depressa pôs fim àquela felicidade absoluta.

Sentou-se ao lado do velho e, pela espécie da conversa que ele sabia estar calculada para a ocasião, reduziu-o, antes de muito tempo, a um estado de nervosismo recalcado e suarento. Era um horrível assunto de "autoridades", e o velho Nelson tentava defender-se. Se ele negociava com comerciantes ingleses, era porque tinha de dispor de seus produtos, de alguma forma. Ele era tão conciliatório quanto possível, e esta atitude muito engraçada parecia excitar Heemskirk a uma cólera que lhe dificultava a respiração.

"E o pior de todos eles é esse Allen", ele resmungou; "seu amigo particular — hein? Você tem trazido um bando de ingleses para estes lados. Nunca deveriam ter permitido que você se estabelecesse aqui. Nunca. O que ele está fazendo aqui, agora?"

O velho Nelson (ou Nielsen), tornando-se muito agitado, declarou que Jasper Allen não era seu amigo particular. Não era amigo, absolutamente — absolutamente. Jasper havia comprado dele três toneladas de arroz para alimentar seus empregados.

Que tipo de indicação era isso? Heemskirk, por fim, explodiu com a ideia que vinha lhe corroendo as partes vitais:

"Sim. Compre-lhe três toneladas de arroz e namora três dias aquela sua filha. Eu estou lhe falando como um amigo, Nielsen. Isto não se faz. Você é apenas tolerado aqui."

O velho Nelson a princípio ficou apoucado, mas logo recobrou-se. Não se faz! Certamente! É claro que isto não se faz! O último homem no mundo. Mas sua menina não dava atenção ao sujeito e era muito sensata para apaixonar-se por qualquer um. Ele foi muito veemente, para imprimir sobre Heemskirk seu próprio sentimento de confiança absoluta. E o tenente, lançando olhares duvidosos para os lados, estava contudo desejando acreditar nele.

"Você sabe bastante sobre isso", resmungou ele.

"Mas certamente, eu sei", insistiu o velho Nelson, com um desespero enorme, porque queria resistir às dúvidas que começavam a surgir em sua própria mente. "A minha própria filha! Em minha própria casa, e eu não sei! Veja! Seria uma brincadeira engraçada, tenente!"

"Eles parecem estar se dando bem", retrucou Heemskirk, com um ar taciturno; "eu suponho que eles estejam juntos, agora", acrescentou, sentindo

uma angústia que transformou o que ele pretendia que fosse um sorriso de mofa em uma estranha careta.

O atormentado Nelson sacudiu a mão diante do rosto do outro. Ele estava profundamente chocado por aquela insistência, e já começava a sentir-se ofendido por uma coisa tão absurda. "Ora! Ora! eu vou dizer-lhe, tenente: vá para a minha casa, tome uma gota de gim com campari antes do jantar. Pergunte por Freya. Eu preciso ver o resto deste tabaco, mas logo estarei com vocês."

Heemskirk não foi insensível a esta sugestão. Ela respondia à sua secreta aspiração, que não era um apetite por bebida, entretanto. O velho Nelson gritou solicitamente, para a direção das suas vastas costas, recomendando-lhe que ficasse à vontade — e dizendo que havia uma caixa de charutos na varanda.

Foi à varanda ocidental que o velho Nelson se referiu, a que era a sala de estar da casa e tinha cortinas vazadas de palha da mais fina qualidade. A varanda oriental, destinada à sua própria privacidade, combinava o encher de ar e esvaziar as bochechas e outros sinais de mente perplexa com grossas cortinas de lona. A varanda norte não era, na verdade, uma varanda realmente. Assemelhava-se mais a um longo balcão. Ela não se comunicava com as outras duas e só podia ser atingida por um corredor, dentro da casa. Assim, era uma privacidade que a tornava própria para meditações sem palavras de uma donzela e também para as conversas aparentemente sem sentido que, passando-se entre um jovem e uma donzela, se impregnavam com uma diversidade de sentidos transcendentais.

Esta varanda norte era sombreada com plantas trepadeiras. O quarto de Freya dava para ela. A moça o havia mobiliado como uma saleta privativa, umas poucas cadeiras e um sofá de vime. Nesse sofá Freya e Jasper sentavam-se juntinhos, tão juntinhos quanto possível neste mundo imperfeito, onde uma pessoa não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, nem tampouco dois corpos podem ocupar o mesmo lugar. Eles tinham estado sentados juntos por toda a tarde, e eu não diria que sua conversa fora insensata. Amando-o com uma ansiedade um tanto judiciosa, por medo de que esse seu júbilo lhe partisse o coração por algum infortúnio, Freya naturalmente conversaria com ele com sobriedade. Ele, nervoso e brusco quando longe dela, parecia sempre dominado por sua imagem, pela grande maravilha de ser manifestamente amado. Filha de um velho, tendo cedo

perdido a mãe, lançado ao mar, para longe, quando ainda muito criança, ele não tinha muita experiência de qualquer espécie de ternura.

Nessa varanda privativa, envolvida em folhagem, naquela hora avançada da tarde, Jasper se curvou um pouco e, apossando-se das mãos de Freya, beijava-as, uma após outra, enquanto ela sorria e olhava para baixo, para a cabeça dele, com olhos de uma compaixão aprovadora. Naquele mesmo momento Heemskirk vinha se aproximando da casa, vindo do norte.

Antônia estava de guarda, naquele lado; mas não estava muito atenta. O sol estava se pondo: ela sabia que sua jovem patroa e o capitão do Bonito estavam prestes a se separar, e caminhava de um lado para o outro, no bosque escuro, com uma flor no cabelo e cantando baixinho, para si mesma, quando de repente, a um passo dela, o tenente apareceu vindo de trás de uma árvore. Antônia pulou para um lado, como um gamo assustado, e Heemskirk, com uma compreensão nítida da razão por que ela estava ali, avançou para ela e, agarrando seu braço bateu com a outra mão pesada sobre sua boca.

"Se tentares fazer um rumor, eu te cortarei o pescoço."

A feroz figura de discurso aterrorizou suficientemente a moça. Heemskirk tinha visto bastante bem, na varanda, a cabeça dourada de Freya, com uma outra cabeça muito junto da dela. Ele arrastou a moça, que não oferecia qualquer resistência, por um caminho em círculo, para a área cercada onde a largou, com um violento empurrão na direção do conjunto de cabanas de bambu, residências dos serviços.

Antônia era muito parecida com uma fiel criada de quarto de comédia italiana, mas, no seu terror, ela saltou sem emitir um som, para longe daquele homem baixo, gordo, de olhos pretos, que tinha nos dedos a força de um garrote. Tremendo da cabeça aos pés, extremamente amedrontada, mas inclinada a rir, ela o viu entrar pelos fundos.

O interior do bangalô era dividido por dois corredores, que se cruzavam no meio. Naquele ponto, Heemskirk, virando a cabeça ligeiramente para a esquerda enquanto passava, assegurou-se da evidência de "namoro", tão irreconciliável com as afirmativas do velho Nelson, que o fizeram vacilar com uma afluência de sangue à cabeça.

Dois vultos brancos, distintos, contra a luz, permaneciam numa atitude inequívoca. Os braços de Freya estavam em volta do pescoço de Jasper. Seus rostos estavam caracteristicamente colados um no outro e Heemskirk continuou a andar, a garganta apertada com um violento surto de

impropérios, até que, na varanda ocidental, esbarrou estouvadamente contra uma cadeira e então deixou-se cair numa outra, como se suas pernas tivessem sido varridas debaixo dele. Ele se tinha permitido por tempo muito longo o hábito de apoderar-se de Freya em seus pensamentos. "É assim que você entretém suas visitas — sua...", ele pensou, tão ultrajado que não pode encontrar um epíteto suficientemente degradante.

Freya lutou um pouco e virou-se para trás. "Alguém entrou", ela murmurou. Jasper, segurando-a muito apertada contra o próprio peito e olhando-a no rosto, sugeriu casualmente: "Seu pai..." Freya tentou desembaraçar-se, mas não teve coragem, absolutamente, para empurrá-lo com as próprias mãos...

"Eu acho que é Heemskirk", ela murmurou para ele.

Jasper, mergulhando dentro dos olhos dela, num transporte tranquilo, não pode conter um sorriso vago, ao som do nome.

"Aquele asno está sempre quebrando meus faróis fora dos rios", murmurou. Ele não ligou qualquer outro significado à existência de Heemskirk; mas Freya se perguntava se o tenente os havia visto.

"Deixe-me ir, garoto ", ela disse num murmúrio peremptório. Jasper obedeceu, e dando um passo para trás, continuou contemplando a face dela, sob um outro ângulo.

"Eu devo ir e ver o que é", ela disse para si mesma, ansiosa.

Ela o instruiu apressadamente: que esperasse um momento depois que ela tivesse saído e depois deslizasse até o fundo da varanda e fumasse tranquilamente um cigarro, antes de se mostrar.

"Não fique fora de casa até tarde, esta noite", foi sua última recomendação.

Então Freya saiu pela varanda ocidental, com seu passo leve e rápido. Enquanto atravessava a porta, ela tentou sacudir para baixo as dobras levantadas das cortinas, no fim do corredor, para proteger a saída de Jasper do caramanchão. No momento em que ela apareceu, Heemskirk saltou, como se para voar até ela. Ela parou e ele lhe fez uma exagerada reverência, que a irritou.

"Ah, é o senhor, Mr. Heemskirk. Como vai?"

Ela falou no seu tom usual. Seu rosto não estava plenamente visível para ele, na escuridão da longa varanda. O tenente não se atreveu a falar, tão grande era sua raiva pelo que havia visto. E quando ela ajuntou, com serenidade, "Papai não demorará a vir", ele, em silêncio chamou-a por

nomes horríveis, para si mesmo, antes de falar, com os lábios contorcidos: "Eu já vi seu pai. Tivemos uma conversa no barracão. Ele me disse algumas coisas interessantes. Ah, muito!"

Freya sentou-se. Ela pensou: "Ele nos viu, com certeza". Não estava envergonhada. O que ela temia era alguma complicação tola e desairosa. Mas não podia conceber a que ponto Heemskirk se tinha apropriado de sua pessoa (em pensamentos). Ela tentou ser conversadora.

"O senhor está vindo agora de Palembang, eu suponho?"

"É? O quê? Ah, sim! Eu venho de Palembang. Há! Há! Há! Sabe o que seu pai disse? Ele disse que temia que você estivesse passando uma temporada muito desagradável aqui.

"E eu imagino que o senhor ia fazer um cruzeiro nas Molucas", continuou Freya, que queria obter alguma informação útil para Jasper, se possível. Ao mesmo tempo, ela se sentia sempre contente em saber que aqueles dois homens estavam separados por algumas centenas de milhas, quando ele não estivesse sob sua vista.

Heemskirk resmungou, irritado. "Sim, Molucas", disse ele, olhando fixamente na direção da sombria silhueta de Freya. "Seu pai acha que é muito quieto aqui, para você. Quer saber de uma coisa Miss. Freya? Não há um lugar tão quieto na terra, no qual uma mulher não possa encontrar oportunidade para fazer alguém de bobo."

Freya pensou "Eu não devo deixá-lo provocar-me". Naquele momento, entrou o moço Tamil, chefe dos criados, com as lâmpadas. Ela indicou-lhe, falando muito, onde colocá-las e ordenou-lhe que trouxesse o gim com conhaque e chamasse Antônia para a casa.

"Terei de deixá-lo só, por um minuto, Mr. Heemskirk", ela disse.

E Freya foi para seu quarto, para trocar de roupa. Vestiu-se rapidamente, porque queria estar na varanda quando seu pai e o tenente se encontrassem novamente. Ela confiava em si mesma para controlar aquela conversa de serão entre aqueles dois. Mas Antônia, ainda assustada e histérica, exibiu uma contusão no braço, que gerou grande indignação em Freya. "Ele saltou sobre mim, fora do bosque, como um tigre", disse a moça, rindo nervosamente, com olhos assustados.

"O bruto!", pensou Freya. "Ele queria nos espionar, então." Ela enraiveceu-se, mas a lembrança do gordo holandês, vestindo calças brancas, largas na cintura e estreitas nos tornozelos, com suspensórios, e a negra cabeça redonda, encarando-a à luz das lâmpadas, era tão repulsivamente

cômica que ela não pode deixar de fazer uma careta sorridente. Depois, ela ficou ansiosa. As coisas absurdas de três homens estavam forçando esta ansiedade sobre ela. "A impetuosidade de Jasper, os receios de seu pai e a intempestividade de Heemskirk. Ela era muito terna com os dois primeiros e trabalhava sua mente para manifestar sua diplomacia feminina.

Tudo isto, ela dizia para si mesma, estará acabado e acomodado, dentro de pouco tempo.

Heemskirk, na varanda, balançando-se numa cadeira, as pernas estendidas, e seu casquete branco repousando sobre o estômago, instigava-se numa fúria de caráter atroz, e ao mesmo tempo incompreensível, para uma moça como Freya.

Seu queixo descansava sobre o peito, os olhos fitavam fixamente seus próprios sapatos. Por trás da cortina, Freya examinou-o. Ele não se movia. Estava ridículo.

Mas essa imobilidade absoluta era impressionante. Nas pontas dos pés, ela caminhou para trás, ao longo do corredor para a varanda oriental, onde Jasper estava sentado, em silêncio, na escuridão, fazendo o que lhe fora recomendado, como um bom menino.

"Psst", ela sibilou. Num instante, ele estava ao seu lado.

"Sim. O que há?", ele murmurou. "É aquele besouro", ela sussurrou, desanimada. Sob a impressão da sinistra imobilidade de Heemskirk, ela estava meio inclinada a contar a Jasper que eles tinham sido vistos. Mas ela não estava, absolutamente, certa de que Heemskirk contaria ao seu pai — e sem dúvida pelo menos, não, naquela noite. Ela concluiu rapidamente que o mais seguro seria colocar Jasper fora de alcance tão depressa quanto possível.

"O que ele está fazendo?", perguntou Jasper, num calmo e suave meio tom.

"Ah, nada! Nada. Está sentado lá, parecendo inquieto, olhando de lado. Mas você

sabe como ele está sempre deixando papai preocupado."

"Seu pai é inteiramente exagerado", disse Jasper, sensatamente.

"Eu não sei", disse ela, em tom de dúvida. Alguma coisa do medo que o Velho Nelson tinha das autoridades havia passado para a moça, desde que ela teve de viver com isso dia após dia. "Eu não sei; papai está com medo de ser reduzido à miséria, como ele diz, na sua velhice. Olhe, garoto, o melhor seria você partir amanhã bem cedo."

Jasper tinha esperado por uma outra tarde com Freya, uma tarde de tranquila felicidade, com a moça ao seu lado e os olhos no seu brigue, antecipando um futuro felicíssimo.

Dado o seu desapontamento, seu silêncio era expressivo e Freya o compreendeu muito bem. Ela também estava desapontada. Mas seu ofício era ser sensata.

"Não teremos um momento para nós mesmos, com aquele besouro se arrastando em volta da casa", ela arguiu apressada, numa voz baixa. "Então, o que ganhamos com sua permanência? E ele não irá, enquanto o brigue estiver aqui. Você sabe que não!"

"Ele devia ser denunciado por vadiagem", murmurou Jasper, com um risinho aborrecido.

"Tenha cuidado quando estiver caminhando à luz do dia", recomendou Freya, a meia voz.

Ele a reteve, à maneira dos amantes. Ela o advertiu sem lutar, porque rejeitá-lo era difícil para ela. Ele murmurava aos seus ouvidos, enquanto colocava os braços à sua volta. "Na próxima vez em que nos encontrarmos, na próxima vez em que eu a segurar como agora, será a bordo. Você e eu, no brigue — por todo o mundo, por toda a vida." E então, ele explodiu: "Eu me pergunto se sou capaz de esperar! Eu me sinto como se devesse carregá-la comigo agora, de uma vez! Eu poderia correr, sustendo-a com meus braços, vereda abaixo, — sem tropeçar — sem tocar o chão".

Ela estava calada. Estava atenta para a paixão na voz dele. Dizia para si mesma que se ela murmurasse o mais frágil sim, se ela apenas suspirasse ligeiramente seu consentimento, ele o faria. Ele era capaz de fazê-lo — sem tocar o chão. Freya fechou os olhos e sorriu na penumbra, abandonando-se numa deliciosa vertigem, por um instante, ao seu braço envolvente. Mas antes que ele pudesse ser tentado a apertar seu abraço, ela estava longe dele, um passo mais longe, e na inteira posse de si mesma.

Aquela era a firme Freya. Ela foi tocada pelo profundo suspiro que fluía acima dela, vindo do vulto branco de Jasper, que não se movia.

"Você é um garoto louco", ela disse, com um tremor na voz. Depois, mudando de tom: "Ninguém poderia levar-me daqui. Nem mesmo você. Eu não sou do tipo de moça que é levada". O vulto branco dele pareceu encolher-se um pouco ante a força daquela declaração e ela arrependeu-se: "Não é bastante para você, o saber que você já... que você já me conquistou?", ela acrescentou, com ternura.

Ele murmurou uma palavra carinhosa e ela continuou: "Eu lhe prometi — eu disse que iria — e irei, por minha própria vontade. Você vai esperar por mim a bordo.

Eu subirei a escada — sozinha, e caminharei para você no convés e direi: "Aqui estou, garoto." E então — e então, eu serei levada. Mas não será um homem que me levará embora; será o brigue, seu brigue — nosso brigue... Eu amo a beleza!"

Ela ouviu um som inarticulado alguma coisa como um gemido, provocado por dor ou deleite, e se foi, num deslizamento. Lá estava aquele outro homem na outra varanda, o moreno, rabugento holandês, que poderia provocar desavença entre Jasper e seu pai, fazer surgir uma discussão, palavras pesadas, e talvez agressão física. Que situação horrível! Mas, mesmo pondo de lado aquelas terríveis suposições, ela tremia diante da ideia de viver cerca de três meses com um homem infeliz, atormentado, zangado, desatento e absurdo.

E quando chegasse o dia, o dia e a hora, o que faria ela, se seu pai tentasse detê-la pela força — como era, afinal, possível? Podia ela lutar com ele corpo a corpo? Mas eram as lamentações e súplicas que ela realmente temia. Poderia ela suportá-las? Que posição odiosa, cruel e ridícula seria essa!

"Mas isso não acontecerá. Ele não dirá nada", ela pensou, enquanto saía rapidamente da varanda ocidental e, vendo que Heemskirk não se movera, sentou-se numa cadeira perto da porta e conservou os olhos nele. O ultrajado tenente não tinha mudado de posição. Apenas, seu casquete havia caído de cima do estômago e jazia no chão. Suas sobrancelhas negras e espessas estavam unidas por um franzimento, enquanto ele olhava para ela com os cantos dos olhos. E seus olhares enviesados, em conjunção com o nariz adunco — toda a volumosa, canhestra e relaxada pessoa —, impressionaram Freya por serem tão comicamente taciturnos que, intimamente transtornada como estava, ela não pôde deixar de sorrir. Ela fez o que pôde para dar àquele sorriso um caráter conciliatório; não queria provocar Heemskirk sem necessidade.

E o tenente, percebendo aquele sorriso, acalmou-se. Nunca lhe entrara na cabeça que sua aparência exterior, um oficial naval, uniformizado, pudesse parecer ridícula àquela moça sem posição social — a filha do velho

Nielsen. A lembrança de seus braços em volta do pescoço de Jasper ainda o irritava e excitava. "A sapeca!", ele pensou.

"Sorrindo, hein? É como você se diverte. Enganando seu pai astutamente, não? Você gosta desse tipo de diversão — não é? Bem, veremos." Ele não alterou sua posição, mas em seus lábios apertados apareceu também um sorriso rude, de mau agouro, enquanto os olhos voltavam à contemplação de suas botas.

Freya sentiu-se ferver de indignação. Sentou-se, radiantemente bonita, à luz do lampião, as mãos fortes, bem pousadas, descansando, uma acima da outra, sobre o colo... "Odiosa criatura", ela pensou; seu rosto coloriu-se por uma súbita raiva: "O senhor amedrontou minha criada a ponto de ela se apavorar", disse ela, em voz alta. "Que demônio o possuiu?" Ele estava tão imerso em pensamentos sobre ela, que o som de sua voz, pronunciando essas palavras inesperadas, assustou-o ao extremo. Levantou bruscamente a cabeça e olhou tão surpreendido, que Freya insistiu, impaciente: "Eu me refiro a Antônio. O senhor feriu-lhe o braço. Por que fez isso?"

"Você quer discutir comigo?", perguntou o tenente, numa voz abafada, com uma espécie de surpresa. Ele piscou como uma coruja. Estava engraçado. Freya, como toda mulher, tinha um agudo senso do ridículo na aparência externa.

"Bem, não. Acho que não." Ela não pôde conter-se. Riu um riso franco, claro, nervoso, ao qual Heemskirk de repente se juntou com um rude "Há! Há! Há!"

Vozes e passos foram ouvidos no corredor e Jasper, com o velho Nelson, entrou. O velho Nelson olhava para a filha com um ar aprovador, pois ele gostava que o tenente fosse mantido de bom humor. E ele também juntou-se aos dois, rindo com simpatia. "Agora, tenente, teremos o jantar", disse, esfregando alegremente as mãos. Jasper tinha ido diretamente para a balaustrada. O céu estava cheio de estrelas e na noite azul aveludada, a angra, embaixo, tinha um negrume mais denso, no qual as luzes de âncora do brigue e da canhoneira brilhavam, avermelhadas, como faíscas suspensas. "Na próxima vez em que estas luzes de âncora brilharem lá embaixo, eu estarei esperando no tombadilho superior, que ela venha e diga "Aqui estou", Jasper pensava. E seu coração parecia tornar-se maior dentro do peito, dilatado por uma felicidade opressiva, que quase lhe arrancava um grito. Não havia vento. Nem uma folha se mexia, abaixo dele, e até mesmo o mar era apenas uma sombra imóvel, submissa. Longe, no céu sem nuvens, à

pálida iluminação, os relâmpagos dos trópicos brincavam, tremulantes, entre as estrelas baixas, em lampejos curtos, fracos, misteriosamente consecutivos, como sinais incompreensíveis de algum planeta distante.

O jantar transcorreu tranquilamente. Freya sentou-se em frente de seu pai, calma, mas pálida. Heemskirk fingiu conversar apenas com o velho Nelson. A conduta de Jasper foi exemplar. Ele controlou os próprios olhares, aquecendo-se pela sensação da proximidade de Freya, como as pessoas se aquecem ao calor do sol, sem olhar para cima, para o céu. E muito depressa, logo que terminou o jantar, atento para as instruções, ele declarou que era hora de ir para bordo de seu navio.

Heemskirk não levantou os olhos. Refestelado na cadeira de balanço e tirando baforadas de um charuto, ele tinha o ar de quem meditava rudemente sobre algum golpe odioso. Pelo menos para Freya, é o que parecia. O velho Nelson disse de repente: "Eu vou descer com o senhor". Ele havia começado uma conversa profissional, a respeito dos perigos da costa da Nova Guiné e queria relatar a Jasper uma experiência vivida por ele "longe dali". Jasper era um ouvinte tão bom! Freya fez como quem os acompanharia, mas o pai franziu as sobrancelhas, sacudiu a cabeça e fez um significativo sinal com o olhar na direção do impassível Heemskirk, soprando fumaça, com os olhos meio fechados e os lábios espichados. O tenente não devia ser deixado a sós. Poderia sentir-se ofendido.

Freya obedeceu aos sinais. "Talvez, ficar seja melhor para mim", ela pensou. Geralmente, as mulheres não são propensas a recapitular sua própria conduta, ainda menos, a condená-la. Os embaraçosos absurdos masculinos são os principais responsáveis por sua ética. Mas, olhando para Heemskirk, Freya sentiu pesar, ou mesmo remorso. Seu corpo pesado, em repouso, sugeria a ideia de saciedade mas, em verdade, ele havia comido muito pouco. Entretanto, havia bebido muito. Os lóbulos carnudos de suas grandes orelhas desagradáveis, com duas dobras na beirada, estavam vermelhos. Elas queimavam, na vizinhança das pálidas bochechas chatas. Por um tempo considerável, ele não levantou suas pesadas pálpebras escuras. Estar à mercê de uma tal criatura era humilhante, e Freya, que sempre terminava por ser franca consigo mesma, pensou, pesarosa: "Se ao menos eu tivesse sido franca com papai desde o começo! Mas então, que vida impossível ele me teria feito levar!" Sim. Os homens eram absurdos em muitas maneiras: amavelmente, como Jasper, impraticavelmente, como seu pai, odiosamente,

como aquela grotesca criatura inerte na cadeira. Seria possível conversar seriamente com ele? Talvez não fosse necessário?

"Ah, eu não posso conversar com ele", ela pensou. E quando Heemskirk, ainda sem olhar para ela, começou a esmagar seu charuto meio fumado na bandeja de café, ela se alarmou, deslizou na direção do piano, abriu-o numa tremenda pressa, e fez soar as teclas antes de sentar-se.

Num instante, a varanda, todo o bangalô de madeira, sem carpete, suportado por pilares, encheu-se de uma ressonância barulhenta, confusa. Mas, através de tudo aquilo, ela ouviu, ela sentiu no chão os passos pesados, vagos, do tenente, movendo-se de um lado para o outro, às suas costas. Ele não estava exatamente bêbedo, mas o estava suficientemente para tornar as sugestões de sua imaginação excitada perfeitamente possíveis e mesmo inteligentes; belamente, inescrupulosamente inteligentes.

Freya, sabendo-o parado exatamente atrás dela, continuou tocando, sem virar a cabeça. Ela tocou com sentimento, brilhantemente, uma música impetuosa, mas quando a voz dele atingiu-a ela esfriou, da cabeça aos pés. Era a voz, não as palavras. A familiaridade insolente do tom, desalentou-a tanto que, a princípio, ela não podia compreender o que ele estava dizendo. Sua maneira de se expressar foi grosseira, também.

"Eu suspeitei ... Eu suspeitei, é claro, de alguma coisa de seus pequenos passeios. Eu não sou uma criança. Mas, de suspeitar a ver, — ver, você compreende — há uma enorme diferença. Aquela espécie de coisa... Ora, veja só! A gente não é feito de pedra. E quando um homem tem sido atormentado por uma moça, como eu tenho sido por você, Miss. Freya — dormindo e acordado, então, é claro... Mas eu sou um homem do mundo. Este lugar deve ser enfadonho para você. Quero dizer, você quer sair desse jogo confuso?" Esta última, foi a única sentença que ela compreendeu. Ela sacudiu a cabeça, negativamente, e usou o pedal forte, mas não conseguiu abafar a voz dele, aumentada de volume. "Apenas eu estou surpreso de que você... Um inglês, comandante de navio mercante, um homem comum. Um bando de gente pequena, descarada, infestando estas ilhas. Eu acabaria com esse refugio, rapidamente! Enquanto você tem aqui um bom amigo, um cavalheiro, pronto para adorá-la, a seus pés — seus lindos pés — um oficial, um homem de estirpe. É estranho, não é? Mas o que importa! Você é digna de um príncipe!"

Freya não virou a cabeça. Seu rosto ficou duro, de horror e indignação. Essa aventura estava totalmente além de sua concepção do que seria

possível. Não era de seu caráter, correr e fugir. Parecia-lhe, também, que se ela saísse dali, não seria possível prever o que poderia acontecer. Logo seu pai estaria de volta, e então o outro teria de ir-se embora. Era melhor ignorar — ignorar. Ela continuou tocando barulhenta e corretamente como se Heemskirk não existisse. Aquele procedimento irritou-o: "Olhe! Você pode enganar seu pai", ele gritou, raivoso, "mas eu não estou para ser feito de bobo! Pare com este barulho infernal! ... Freya... Hey, Sua Deusa Escandinava do Amor, pare! Está escutando? É o que você é — do Amor. Mas os deuses pagãos são apenas demônios disfarçados, e é o que você é, também. Um astuto demoniozinho. Pare com isso, eu estou dizendo, ou eu a levanto desse banco!"

De pé, atrás dela, ele a devorava com os olhos, da coroa dourada de sua cabeça rigidamente imóvel até os saltos dos sapatos, a linha dos ombros bem modelados, as curvas do bonito perfil, balançando-se um pouco na frente do teclado. Ela vestia um vestido leve. As mangas eram curtas, à altura dos cotovelos, com uma renda na barra. Uma fita de cetim circulava-lhe o busto. Num acesso de irresistível, temerária esperança, ele apertou ambas as mãos naquele busto e a música irritante parou, enfim. Mas, embora ela tivesse fugido rapidamente ao contato (o banco redondo do piano caindo, com estrépito), os lábios de Heemskirk em busca de seu pescoço, depositaram um beijo faminto, estalante, junto atrás de sua orelha. Um profundo silêncio reinou por alguns minutos e depois ele riu fracamente.

Ele ficou um tanto desconcertado pelo rosto dela, imóvel, branco, a grande luz dos olhos cor de violeta fixos nele, como se fossem de pedra. Ela não havia pronunciado um único som.

Olhava-o fixamente, equilibrando-se no canto do piano, com uma das mãos estendida. A outra continuava esfregando, com persistência mecânica o lugar que os lábios dele haviam tocado.

"O que há de errado?", ele perguntou, ofendido. "Eu a assustei? Olha aqui; não sejamos tão tolos. Você não quer dizer que um beijo a assusta tanto assim... Eu sei muito bem... Eu não pretendo ser deixado ao relento, no frio."

Ele estivera fitando o rosto dela com uma atenção tão intensa, que não podia mais vê-la distintamente. Tudo, à sua volta, estava como que nevoento; esqueceu-se do banco caído, bateu o pé contra ele e balançou-se ligeiramente para a frente, dizendo, num tom insinuante: "Eu não sou desagradável, na realidade. Experimente alguns beijos, para começar...".

Ele nada mais disse, pois sua cabeça recebeu uma terrível concussão, acompanhada de um som explosivo. Freya tinha girado o braço redondo e forte com tanta força que o impacto de sua palma aberta sobre o rosto chato dele o fez dar uma meia volta. Emitindo um grito fraco, rouco, o tenente colocou ambas as mãos no lado esquerdo da face, que se tornara de repente cor de tijolo. Freya, muito ereta, os olhos violeta, escurecidos, a palma da mão ainda formigando pelo tapa, uma espécie de sorriso contido, determinado, mostrando o minúsculo brilho de seus dentes brancos, ouviu os passos rápidos, pesados, de seu pai no caminho, abaixo da varanda. Sua expressão perdeu a belicosidade e tornou-se sinceramente preocupada. Tinha pena de seu pai. Apressada, ela inclinou-se para a frente, para pegar o banquinho do piano, como se ansiosa por apagar os traços... Mas aquilo não era bastante. Ela retomou sua atitude, uma das mãos levemente sobre o piano, antes que o velho Nelson atingisse o topo da escadaria.

Pobre pai! Como ele ficará furioso — como ficará descontrolado! E mais tarde, que tremores, que infelicidade! Por que ela não se tinha aberto com ele desde o começo?

O inocente olhar assustado dele, por toda volta, feriu-a profundamente. Mas ele não estava olhando para ela. Seu olhar estava dirigido para Heemskirk que, com as costas viradas para ele e com as mãos ainda sobre o rosto, sibilava imprecações entre dentes e (ela o viu de perfil) olhando-a penetrante e malignamente com um olho negro e perverso.

"O que aconteceu?", perguntou o velho Nelson, muito espantado.

Freya não lhe respondeu. Ela pensou em Jasper no convés do brigue, olhando para o bangalô iluminado, e se sentiu assustada. Era uma benção que pelo menos um deles estivesse a bordo, fora do caminho. Ela desejava apenas que ele estivesse a cem milhas de distância. E ainda não estava certa daquilo. Se Jasper tivesse sido misteriosamente levado a reaparecer na varanda, ela teria atirado para os ventos sua consistência, sua firmeza, seu autodomínio, e teria voado para os braços dele. "O que é isto? O que é isto?", insistiu, excitado, o velho Nelson, que não tinha nenhuma suspeita. "Há apenas um minuto, você estava tocando uma música e..."

Freya, incapaz de falar, em sua apreensão do que estava para vir (ela estava também impressionada pelo faiscante, perverso, olho negro) apontou para o tenente, com um sinal de cabeça, e disse apenas: "Somente olhe para ele!"

"Claro, sim!", exclamou o velho Nelson, "estou vendo. Por Deus, o que..."

Nesse meio tempo ele se tinha aproximado cautelosamente de Heemskirk que, explodindo em imprecações incoerentes, batia com força ambos os pés no chão; o insulto do golpe, a ira pelo objetivo frustrado, o ridículo de se expor e a impossibilidade de vingança enlouqueciam-no ao ponto de ele simplesmente sentir que devia vociferar com fúria.

"Oh! Oh! Oh!" ele uivou, pisoteando a varanda com passos duros, como se quisesse arremessar o pé sobre assoalho, a cada passo.

"Como? O rosto dele está machucado?" Perguntou estarrecido velho Nelson. A verdade despontou de repente em sua mente pura. "Santo Deus!" Ele gritou, esclarecido.

"Traga um pouco de conhaque depressa, Freya... O senhor é sujeito a estas coisas tenente? Diabólico, não? Eu sei. Eu sei! Eu também, no passado, costumava ficar transtornado de repente... E a pequena garrafa de láudano, no armário de remédios, também, Freya. Aprese-se... Não vê que ele está com dor de dente?"

E, de fato, que outra explicação poderia ter-se apresentado ao ingênuo velho Nelson observando aquela face protegida por ambas as mãos, aqueles olhares selvagens, aqueles passos pesados, aquele divertido balançar do corpo?

Teria sido necessária uma acuidade sobrenatural para dar com a causa verdadeira. Freya não se movera. Ela observava os olhos negros de Heemskirk, selvagens e perscrutadores, dirigidos furtivamente para ela. "Ah! Você queria ser perdoado...", ela disse para si mesma. Olhou para ele com firmeza, cogitando. A tentação de dar um fim a tudo aquilo sem futuras dificuldades era irresistível. Ela fez um aceno de cabeça quase imperceptível e deslizou para fora.

"Depressa com esse conhaque!", o velho Nelson gritou quando ela desapareceu no corredor.

Heemskirk aliviava seus sentimentos mais profundos com um súbito fio de impropérios em holandês e inglês, que dirigia a ela. Ele delirava, para satisfazer seu coração, dando pontapés para um lado e para o outro da varanda e nas cadeiras, para tirá-las de seu caminho. Enquanto Nelson (ou Nielsen) cuja simpatia foi profundamente ativada por essas evidências de sofrimento mortal, andava sem destino, em volta do seu caro (e temido) tenente e inquietava-se como uma galinha velha.

"Valha-me Deus! Valha-me Deus! Está tão mal? Eu sei bem o que é isso. Às vezes eu costumava assustar minha pobre esposa. O senhor fica assim com frequência, tenente?"

Com malvadez, Heemskirk empurrou-o com os ombros para fora de seu caminho, com um insano riso curto. Mas seu cambaleante hospedeiro não se ressentiu; um homem fora de si, com uma dor de dente crucial, não é responsável.

"Venha ao meu quarto, tenente", ele sugeriu com urgência. "Deite-se na minha cama. Vamos encontrar alguma coisa para melhorá-lo em um minuto."

Ele agarrou o pobre sofredor pelo braço e forçou-o delicadamente na direção da cama na qual Heemskirk, num renovado acesso de raiva, arremessou-se com uma tal força, que ricocheteou do colchão pela a altura de uns trinta centímetros seguramente.

"Valha-me Deus!", exclamou o assustado Nelson, e correu, incontinente, para apressar o conhaque e o láudano, muito zangado pela pouca diligência mostrada em aliviar as torturas de seu precioso hóspede. Por fim, ele próprio foi buscar o remédio.

Meia hora mais tarde, de pé, no corredor dos fundos da casa, ele foi surpreendido por fracos sons espasmódicos de natureza misteriosa, entre risos e soluços. Ele franziu as sobrancelhas, dirigiu-se diretamente ao quarto de sua filha e bateu à porta. Freya, com seus gloriosos cabelos claros emoldurando-lhe o rosto branco e acabando de vestir um penteador azul escuro, abriu-a parcialmente.

A luz do quarto estava fraca. Antônia, agachada num canto, balançava-se para a frente e para trás, emitindo fracos sussurros. O velho Nelson não tinha muita experiência em vários tipos de riso feminino, mas estava certo de que tinha havido risos ali.

"Muito desapiedado! Muito cruel!", ele disse, com pesado desagrado. "O que há de tão divertido em um homem sofrendo dores? Eu pensava que uma mulher — uma jovem..."

"Ele estava muito engraçado", disse Freya, cujos olhos brilhavam estranhamente na semi-obscuridade do corredor. "E depois, o senhor sabe, eu não gosto dele", ela acrescentou, numa voz instável. "Engraçado!", repetia o velho Nelson, admirado por esta evidência de desumanidade em alguém tão jovem. "Você não gosta dele..."

Você quer dizer que, porque não gosta dele... Ora, isso é simplesmente cruel! Você não sabe que aquela é uma das piores dores? Sabe-se de

cachorros que ficam loucos com ela."

"Ele, certamente, parecia ter ficado louco!", Freya disse com esforço, como se estivesse lutando com algum sentimento secreto.

Mas seu pai estava estourando de indignação.

"E você sabe como ele é. Ele nota tudo. Ele é um sujeito que se ofende pelas mínimas coisas — um holandês comum — e eu quero conservar a amizade dele. É isto, minha menina: se aquele nosso rajá fizesse alguma loucura — e você sabe que ele é um ladrão rebelde, grosseiro — e desse na cabeça das autoridades que minha influência sobre ele não era boa, você estaria sem um telhado sobre sua cabeça..."

Ela exclamou: "Que tolice, pai!", num tom não muito seguro, e descobriu que ele estava zangado, zangado demais para chegar até a ironia; sim, velho Nelson (ou Nielsen), ironia! Apenas um vislumbre de ironia.

"Ah, é claro que se você tem bens próprios — uma mansão, uma plantação da qual eu nada sei..." Mas ele não era capaz de sustentar a ironia. "Eu lhe digo, eles me poriam para fora daqui", sussurrou, convincente; "sem indenização, é claro. Eu conheço esses holandeses. E o tenente é exatamente a pessoa para começar a confusão.

Ele tem prestígio entre oficiais influentes. Eu não o ofenderia por nada — por nada — por consideração a coisa alguma... o que você disse?"

Era apenas uma exclamação mal articulada. Se em algum momento ela havia tido uma intenção meio formada de contar tudo ao pai, essa intenção estava anulada, agora.

Era impossível não levar em conta a dignidade dele e a paz de sua pobre mente.

"Por ele, eu não me importo muito", a meia voz forçada do velho Nelson confessou, num suspiro. "Ele está mais calmo, agora", ele disse, após um silêncio, "eu lhe dei minha cama por esta noite. Dormirei na varanda, na rede. Não; não posso dizer que gosto dele, tampouco, mas daí a rir de um homem porque ele está desesperado de dor, vai uma grande distância. Você me surpreendeu, Freya. Aquele lado do rosto dele está completamente vermelho!".

Sob as mãos que o pai colocara, paternalmente, sobre ela, seus ombros sacudiram como em convulsão.

O bigode dele, esperso, ouriçado, escovou sua testa, num beijo de boa noite. Ela fechou a porta e se afastou para o meio do quarto, antes de se permitir uma espécie de riso cansado, sem alegria.

"Avermelhado! Um pouco avermelhado!", ela repetia para si mesma. "Espero que sim, de fato. Um pouco..." Suas pálpebras estavam úmidas. Antônio, no seu canto, gemia e dava risadinhas e era impossível dizer onde os gemidos terminavam e onde as risadinhas começavam.

A patroa e a empregada tinham estado, de alguma forma, histéricas, pois Freya, fugindo para seu quarto, encontrara Antônio ali e lhe contara tudo.

"Eu a vinguei, minha menina." E então, elas rindo, choraram e, chorando, riram com censuras — "Psiuu..., não tão alto! Silêncio!" em uma parte, com interlúdios de "Eu estou tão assustada... Ele é um homem mau".

Antônia estava com muito medo de Heemskirk. Ela se sentia amedrontada por causa de sua aparência — por causa de seus olhos e de suas sobrancelhas e de sua boca e de seu nariz e de suas pernas. Nada podia ser mais razoável. E ela o julgava um homem mau, porque, a seus olhos, ele parecia mau. Nenhum fundamento para uma opinião podia ser mais sólido. Na penumbra do quarto, com apenas uma lâmpada noturna queimando acima da cabeceira da cama de Freya, a criada arrastou-se do canto onde estava, para agachar-se aos pés de sua patroa, suplicando, em sussurros: "Há o brigue. O capitão Allen. Vamos fugir de uma vez. Fugir! Eu estou tão assustada!

Vamos! Vamos!"

"Eu! Fugir!", pensou Freya, consigo mesma, sem olhar para baixo, para a moça amedrontada. "Nunca."

Ambas, a resoluta patroa, sob o mosquiteiro, e a assustada criada, toda enroscada sobre uma esteira, aos pés do leito, não dormiram bem, naquela noite. Quem absolutamente não dormiu foi o tenente Heemskirk. Ele ficou deitado de costas, de olhos abertos, pensando em vingança, dentro da escuridão. Imagens incandescentes e reflexões humilhantes sucediam-se umas às outras, em sua mente, e permaneciam, aumentando sua cólera. Um caso interessante para se contar!

Mas não era para ser comentado! O ultraje tinha de ser engolido em silêncio. Um belo caso! Feito de bobo, comandado e batido por uma moça e, provavelmente — feito de bobo pelo pai dela, também. Mas não! Nielsen era apenas uma outra vítima daquela assanhada sem vergonha, daquela sirigaita descarada, que astuta, rindo, brincando, beijando, mentindo...

"Não, ele não me enganou de propósito", pensou o atormentado tenente. "Mas eu poderia gostar de lhe pagar na mesma moeda, por ser tão imbecil."

Bem, algum dia, talvez. Uma coisa que ele tinha firmemente resolvido; tinha resolvido deixar a casa sorratamente, muito cedo. Ele não pensava poder enfrentar a moça sem se enfurecer.

"Fogo e perdição! Dez mil demônios! Eu sufocarei aqui, antes que chegue a manhã!", ele murmurava para si mesmo, deitado de costas, rígido, na cama do velho Nelson, o peito lutando por ar.

Ele levantou-se ao alvorecer e começou, cauteloso, a abrir a porta. Sons fracos no corredor alarmaram-no e, conservando-se escondido, ele viu Freya saindo. Esta visão inesperada privou-o de todo o poder de afastar-se da abertura da porta. Era a abertura mais estreita possível, mas dominava a vista da extremidade da varanda.

Freya dirigiu-se apressadamente para aquela extremidade, para ver o brigue passando por aquele ponto. Ela usava um penhoar escuro; seus pés estavam descalços porque, tendo dormido quase de manhã, ela correria para fora, no receio de estar muito atrasada. Heemskirk nunca a tinha visto daquela maneira, com os cabelos penteados para trás, no formato da cabeça e caindo-lhe nas costas, numa pesada e bonita trança, e com aquele ar de extrema juventude, intensidade e vivacidade. A princípio, ele ficou atônito, mas depois rilhou os dentes. Ele, absolutamente, não podia defrontá-la: murmurou uma praga e conservou-se imóvel, na abertura da porta.

Com um "Ah!" grave, profundo, quando viu o brigue, já navegando, Freya correu em busca do binóculo de Nelson, em repouso sobre um suporte na parede.

A manga larga do penhoar escorregou para trás, descobrindo o braço branco até o ombro. Heemskirk, agarrando o fecho da porta como se para esmagá-lo, sentiu-se como um homem que acaba de se levantar de uma rodada de bebida.

E Freya sabia que ele a estava espreitando. Ela sabia. Ela havia visto a porta mover-se, à sua passagem. Estava consciente de que seus olhos estavam fixos nela, com uma amargura zombeteira, com um desdém vitorioso.

"Você está aí", ela pensou, ajustando o binóculo. "Ah, bem, observe, então!"

As ilhas verdes apareciam como sombras escuras e o céu cinzento estava liso como vidro; na roupagem clara da alvorada descolorida na qual o próprio brigue aparecia sombriamente, havia uma orla de luz, no ocidente. Logo em seguida, Freya divisara Jasper no tombadilho com seus próprios

óculos dirigidos para o bangalô; ela colocou os seus no chão e levantou ambos os braços acima da cabeça. Naquela atitude de grito supremo ela permaneceu imóvel, vibrando com a consciência da adoração de Jasper, saindo à procura de sua imagem, presa ao campo de suas lentes, distante e aquecida, também pela sensação causada pela paixão perversa, pelos olhos cobiçosos do outro, presos às suas costas. No fervor de seu amor, no capricho de sua mente, e com aquele misterioso conhecimento da natureza masculina que parece congênito nas mulheres, ela pensou: "Você está procurando — quer fazê-lo — deve fazê-lo. Então, verá alguma coisa!"

Ela levou ambas as mãos aos lábios, depois arremessou-as para a frente, enviando um beijo através do mar, como se quisesse enviar com ele seu próprio coração até o tombadilho do brigue. Seu rosto estava rosado, seus olhos brilhavam. O gesto, repetido, apaixonado, parecia mandar beijos às centenas, mais e mais e mais, enquanto o vagaroso sol ascendente trazia para o mundo a glória da cor, tornando verdes as ilhas, azul o mar, branco o brigue lá embaixo, de um branco ofuscante nas velas abertas — com a bandeira vermelha fluindo do alto, como uma pequenina flama. E de cada vez ela dizia, com inflexão ascendente: "Pega este — e este — e mais este". — Até que, subitamente, seus braços caíram. Ela vira a bandeira descida, em resposta.

Então, ela deixou a balaustrada e, passando vagarosamente em frente à porta do quarto de seu pai, com as pálpebras descidas e uma expressão enigmática no rosto, desapareceu atrás da cortina.

Mas, em vez de seguir pelo corredor, ela ficou escondida e muito quieta, no outro lado, para observar o que ia acontecer. Por algum tempo, a varanda grande e mobiliada ficou vazia. Depois, a porta do quarto do velho Nelson abriu-se de repente e Heemskirk saiu, cambaleante. Seu cabelo estava desfeito, os olhos injetados; o rosto não barbeado, parecia muito escuro. Ele olhou rudemente por toda parte, viu seu casquete sobre a mesa, o pôs na cabeça e encaminhou-se para a escadaria tranquilamente, mas com um estranho passo cambaleante, como o último vigor de uma força decadente.

Pouco depois de sua cabeça ter desaparecido abaixo do nível do assoalho, Freya saiu de trás da cortina com intrigantes lábios comprimidos e nenhuma doçura, absolutamente, nos olhos luminosos. Não lhe podia ser permitido safar-se ileso. Nunca — nunca! Ela estava excitada, todo seu corpo formigava, ela tinha sentido o gosto de sangue! Ele precisava compreender que ela havia ficado ciente de que ele a espiara. Ele precisava

saber que havia sido visto escapulindo vergonhosamente. Mas correr para a balaustrada da frente, atrás dele, seria infantil, imaturo — indigno. E gritar — O quê? Que palavra? Que frase? Não; foi impossível. Então, como?... Ela se pôs a pensar e descobriu como; arremessou-se para o piano, que estivera aberto durante toda a noite, e fez o monstro de pau-rosa rosnar selvagememente em um tom grave, feroz e irritado. Ela feriu as cordas como se dando tiros naquela pessoa vacilante, grandalhona, vestida com amplas calças brancas e uma jaqueta escura de uniforme com dragonas; e então ela o perseguiu com a mesma coisa que tocara na noite anterior — urna moderna, violenta música de amor que tinha sido experimentada mais de uma vez nas tempestades do grupo. Ela acentuou-lhe o ritmo, com malícia triunfante, tão triunfante no seu propósito, que não notou a presença do pai que, usando um velho, surrado sobretudo de padronagem xadrez sobre a roupa de dormir, viera correndo da varanda do fundo, para perguntar a razão daquela execução extemporânea. Ele fitou-a longamente. "Por Deus, o que é isto?... Freya..." Sua voz estava quase imersa no piano. "O que foi feito do tenente?", ele perguntou.

Ela levantou os olhos para ele, como se sua alma estivesse perdida na música, com olhos cegos.

"Foi embora." "Ooo quê?...? Para onde?" Ela sacudiu a cabeça levemente, e continuou tocando ainda mais alto do que antes. O olhar inocente e ansioso do velho Nelson, partindo da porta aberta de seu quarto, explorava todo o lugar, de cima a baixo, como se o tenente fosse uma coisa pequena que pudesse ter estado engatinhando no chão ou prendendo-se à parede. Mas um assobio trêmulo, vindo de algum lugar mais embaixo cortou o amplo volume do som que rolava para fora do piano em grandes ondas vibrantes. O tenente estava embaixo, na angra, assobiando para que viesse um bote e o levasse ao seu navio. Ele parecia estar muitíssimo apressado, também, pois tornou a assobiar quase imediatamente, esperou um momento e enviou um longo, interminável som agudo, tão aflitivo de se ouvir como se ele o tivesse emitido sem inspirar o ar. Freya deixou subitamente de tocar.

"Está indo para bordo", disse o velho Nelson, perturbado pelo caso. "O que poderia tê-lo feito ir-se tão cedo? Rapaz esquisito. Danadamente sensível, também! Eu não me admiraria se fosse sua conduta, na noite passada, que feriu-lhe a sensibilidade. Eu notei você, Freya. Você quase ria na sua cara, enquanto ele sofria a agonia de uma dor de dente. Essa não é uma maneira de se fazer estimada. Ele ficou ofendido."

Naquele momento as mãos de Freya repousavam, passivas, sobre o piano. Ela inclinou a cabeça loura, sentindo-se subitamente descontente, com uma lassitude nervosa, como se tivesse passado por alguma crise de cansaço. O velho Nelson (ou Nielsen) parecendo contrariado, revolvia assuntos políticos na cabeça calva.

"Acho que seria correto, de minha parte, ir a bordo para saber dele, nesta manhã", ele disse, com exagerada preocupação. "Por que não me trazem o meu chá da manhã?"

Está ouvindo, Freya? Devo dizer que você está me deixando admirado. Eu não pensava que uma moça pudesse ser tão insensível. E o tenente pensa assim, ele próprio um amigo nosso, também! O quê? Não? Bem, ele se diz meu amigo e isso é alguma coisa, para uma pessoa de minha posição. Certamente! Ah, sim, eu devo ir a bordo."

"O senhor deve?", murmurou Freya, desatenta; depois acrescentou, em seu pensamento: "Pobre homem".

Capítulo V

A respeito das sete semanas seguintes, tudo o que é necessário dizer é, primeiro, que o velho Nelson (ou Nielsen) não pôde fazer sua visita de boa política. O Neptun, navio de guerra de Sua Majestade, o Rei dos Países Baixos, comandado por um ultrajado e furioso tenente, deixou a angra numa hora inesperadamente cedo. Quando o pai de Freya desceu para a praia, depois de ver sua preciosa colheita de tabaco devidamente espalhada ao sol, o navio já estava navegando em volta do cabo. O velho Nelson lamentou o fato por muitos dias.

"Agora eu não sei em que disposição o homem foi embora", ele lamentou, para sua implacável filha. Ele estava admirado de sua inflexibilidade, quase assustado pela sua indiferença.

Em seguida, deve ser registrado que naquele mesmo dia a canhoneira Neptun, dirigindo-se para o leste, passou pelo brigue Bonito parado, por calmaria, à vista de Carimata, com a proa para o leste, também. Seu capitão, Jasper Allen, entregando-se conscientemente a um sonho terno, possessivo, de sua Freya, não saiu da poltrona, na popa, para olhar para o Neptun, que passou tão perto que a fumaça vomitada de repente por sua curta chaminé negra rolou entre os mastros do Bonito, obscurecendo por um momento a brancura de suas velas iluminadas pelo sol, consagradas ao serviço do amor. Jasper nem sequer volveu a cabeça para uma olhadela. Mas Heemskirk, na ponte, tinha olhado atenta e longamente para o brigue à distância, apertando fortemente o corrimão de metal à sua frente até que, os dois navios muito perto um do outro, ele perdeu toda a confiança em si mesmo e, batendo em retirada para sua cabina, fechou a porta com estrépito. Ali, suas sobancelhas cerradas, a boca puxada para um lado em sardônica meditação, ele se sentou por muitas horas de silêncio — uma espécie de Prometeu, nos grilhões de um desejo pecaminoso, tendo suas partes vitais castigadas pelo bico e pelas garras de uma paixão humilhada.

Esta espécie de ave não pode ser enxotada tão facilmente quanto uma galinha. Feito de tolo, zombado, iludido, enganado, manipulado, ultrajado, escarnecido — bico e garras! Um pássaro sinistro! O tenente não pretendia tornar-se o assunto do Arquipélago como o oficial naval que teve o rosto esbofeteado por uma moça. Era possível que ela amasse aquele mercador tratante? Ele tentava não pensar, mas pior do que pensamentos, impressões definidas assaltavam-no em seu refúgio. Ele a via — uma visão plena,

próxima, detalhada, plástica, colorida, iluminada — ele a via agarrada ao pescoço daquele sujeito. E fechava os olhos, apenas para descobrir que este não era o remédio.

Então um piano começava a tocar por perto, muito claramente; e ele colocava os dedos nos ouvidos, sem nenhum efeito. Não era uma coisa suportável — não em solidão.

A última coisa a ser registrada é que o tenente Heemskirk, em vez de prosseguir na sua rota para Ternate, onde era esperado, desviou-se dela, dirigindo-se para Makassar onde ninguém o esperava. Uma vez lá, ele deu explicações e apresentou ao governador, ou a alguma outra autoridade, uma certa proposta e obteve permissão para fazer o que julgasse necessário, naqueles casos. Por causa disso o Neptun, deixando Ternate, navegou para o norte, na direção da costa montanhosa das Celebes, e depois, cruzando os vastos estreitos, tomou sua posição na costa baixa de florestas virgens, inviolável e muda, em águas fosforescentes à noite, de profundo azul à luz do dia, com brilhantes manchas verdes sobre os recifes submersos. Durante dias, o Neptun podia ser visto movendo-se tranquilamente para cima e para baixo, na sombria face da praia, ou parado, com um ar observador, perto das aberturas de largos estuários sob um majestoso céu luminoso nunca atenuado, nunca velado, e inundando a terra com a constante luz solar dos trópicos, aquela luz que no seu pleno esplendor oprime a alma com uma inexprimível melancolia, mais íntima, mais penetrante, mais profunda do que a tristeza cinzenta dos nevoeiros do norte.



O navio mercante Bonito apareceu deslizando em volta de um cabo sombrio revestido de floresta no estuário platinado do grande rio. O sopro de ar que lhe dava movimento não teria feito palpitar a chama de uma tocha. Ele entrou furtivamente na abertura, vindo de trás de um véu de folhas imóveis, misteriosamente silenciosas, fantasmagoricamente brancas, e solenemente furtivas, no seu progresso imperceptível; e Jasper, com o cotovelo no cordame principal e a cabeça inclinada, apoiada na mão, pensava em Freya. Tudo no mundo fazia-o lembrar-se dela. A beleza da mulher amada existe nas belezas da natureza. A expansão do contorno das montanhas, as curvas de uma costa, as sinuosidades livres de um rio são menos suaves do que as linhas harmoniosas de seu corpo e, quando ela se

move deslizando levemente, a graça de seu andar sugere o poder de forças ocultas que regem os aspectos fascinantes do mundo visível.

Dependentes de coisas tanto quanto são os homens, Jasper amava seu navio — a casa de seus sonhos. Ele emprestava-lhe alguma coisa da alma de Freya. Seu convés era o ponto de apoio do amor dos dois. A posse de seu brigue saciava sua paixão numa certeza suavizante de felicidade já conquistada.

A lua cheia, no alto, perfeita e serena, flutuando no ar, tão calma e límpida como o olhar dos olhos de Freya. Não havia um único som no brigue.

"Aqui ela permanecerá, ao meu lado, em noites como esta." Ele pensou, com arrebatamento.

E foi naquele momento, naquela paz, naquela serenidade, sob o olhar cheio, benigno da lua, propício aos amantes, num mar sem uma ruga, sob um céu sem uma nuvem, como se toda a Natureza tivesse assumido seu modo mais clemente, num espírito de zombaria, que a canhoneira Neptun destacando-se da costa escura, sob a qual havia permanecido invisível, surgiu para interceptar o navio mercante Bonito, que se dirigia para o mar.

Logo que a canhoneira surgiu, emergindo de sua emboscada, Schultz, o de voz fascinante, dera sinais de estranha agitação. Durante todo aquele dia, desde a partida da cidade malaia acima, no rio, ele havia mostrado um rosto estranho, desempenhando suas obrigações como um homem que tem alguma coisa pesando na própria consciência.

Jasper notara aquilo, mas o imediato afastou-se, como quem não gosta de ser observado, queixando-se timidamente de uma dor de cabeça e de uma ponta de febre. Ele devia ter uma febre alta quando, escondendo-se atrás de seu capitão, pensou em voz alta: "O que será que aquele sujeito quer conosco?"... Um homem nu, de pé, num vento gelado e tentando não tremer, não poderia ter falado com uma entonação mais fortemente incerta. Mas podia ter sido a febre — um arrepio de frio.

"Ele quer fazer-se desagradável, simplesmente", disse Jasper, com perfeito bom humor. "Ele já tentou isso comigo antes. Entretanto, logo veremos isso."

E, realmente, pouco tempo depois, os dois navios estavam lado a lado, ao alcance da voz. O brigue, com suas linhas bonitas e suas velas brancas, parecia vaporoso e tinha ares de sílfide, ao luar. A canhoneira, pequena, atarracada, com suas deselegantes vergas escuras nuas como árvores mortas

elevadas contra o céu luminoso daquela noite resplendente, atirou uma sombra pesada na faixa de água entre os dois navios.

Freya os perseguia, a ambos, como um espírito onipresente, e como se ela fosse a única mulher no mundo. Jasper lembrava-se de suas recomendações fervorosas para que se guardasse e tivesse cautela em todos os seus atos e palavras, enquanto estivesse longe dela. Naquele encontro inteiramente imprevisto ele sentiu nos próprios ouvidos o alento desses apressados conselhos, costumeiros no último momento de suas despedidas, e ouviu o sussurro final, quase uma brincadeira — "Preste atenção, garoto! Eu nunca o perdoaria!" —, com uma rápida pressão sobre o braço dele, correspondida por um sorriso tranquilo, confiante.

Heemskirk foi enfeitiçado de outra maneira. Não havia cochichos; era mais parecido com visões. Ele vira aquela moça presa ao pescoço de um reles vagabundo — aquele vagabundo, o vagabundo que acabava de responder à sua saudação. Ele a vira indo furtivamente, de pés descalços, pela varanda, os grandes olhos ansiosos muito abertos, para olhar para o brigue — aquele brigue. Se ela tivesse gritado, brigado, injuriado...! Mas ela o tinha, simplesmente, vencido! Era tudo. Seduzido (ele o acreditava, firmemente), feito de tolo, ultrajado, batido, escarnecido... bico e garras! Os dois homens tão diferentemente enfeitiçados por Freya das Sete Ilhas, não se igualavam.

No intenso silêncio, como um sono, que caíra sobre os dois navios, num mundo que parecia, ele próprio, apenas um sonho delicado, um bote tripulado por marinheiros javaneses, cruzando a faixa escura de água, navegou ao longo do brigue. Um subtenente branco, talvez o atirador, subiu a bordo. Era um homem baixo, com um estômago rotundo, voz ofegante. Seu rosto gordo, impassível, parecia sem vida, à luz da lua, e ele caminhava com os braços grossos pendentes, longe do corpo, como se tivesse sido enchido de ar. Seus olhinhos espertos brilhavam como partículas de mica. Ele apresentou a Jasper, em mau inglês, uma intimação para ir a bordo do Neptun.

Jasper não esperava uma coisa tão desusada. Mas, depois de uma curta reflexão, decidiu mostrar-se nem contrariado, nem surpreso. O rio do qual ele tinha vindo tinha sido politicamente perturbado durante alguns anos e ele sabia que suas visitas ali eram vistas com alguma suspeição. Mas ele não se incomodava muito com o desagrado das autoridades, tão aterradoras para o velho Nelson. Preparou-se para deixar o brigue e Schultz seguiu-o até o

parapeito, como se para dizer alguma coisa, mas por fim permaneceu em silêncio ao seu lado.

Jasper, virando-se para ele, notou seu rosto pálido. Os olhos do homem que encontrara salvação no brigue, por causa de sua psicologia peculiar, olhavam para ele com uma expressão muda, suplicante.

"O que há?", Jasper perguntou. "Eu me pergunto como vai terminar isto", disse ele, o homem da voz bonita, que tinha fascinado até mesmo a enérgica Freya. Mas onde estava, agora, aquele timbre encantador? Estas palavras haviam soado como o crocitar de um corvo.

"Você está doente", disse Jasper, positivamente.

"Eu quisera estar morto!", foi a espantosa declaração de Schultz, falando consigo mesmo, no último grau de alguma perturbação misteriosa. Jasper lançou-lhe um olhar atento, mas não era ocasião de investigar a mórbida exclamação de um homem febril. Ele não parecia estar realmente delirante, e aquilo devia bastar, no momento.

Schultz arremessou-se para a frente.

"Aquele sujeito significa perigo!", ele disse, desesperadamente. "Ele significa perigo para o senhor, capitão Allen. Eu o senti e eu", ele sufocou, com uma inexplicável emoção.

"Tudo bem, Schultz. Eu não lhe darei brecha." Jasper cortou a conversa e lançou-se dentro do bote.

A bordo do Neptun, Heemskirk, de pé, as pernas abertas, inundado pelo luar, sua sombra negra como tinta caindo direto sobre a cabina, não fez um gesto à sua aproximação, mas, à vista daquele homem, sentiu alguma coisa como o crescimento do mar, dentro de seu peito. Jasper esperava à sua frente, em silêncio.

Face a face, em contato direto, eles caíram imediatamente na forma de seus encontros casuais no bangalô do velho Nelson. Ignoravam a presença um do outro — Heemskirk, mal humorado, Jasper, com uma tranquilidade perfeitamente incolor.

"O que está acontecendo naquele rio do qual você acaba de chegar?", perguntou o tenente imediatamente.

"Nada sei sobre qualquer desordem, se o senhor quer significar isso", Jasper respondeu. "Descarreguei ali meia carga de arroz, pela qual nada recebi, e vim embora.

Não há comércio ali agora, mas eles estariam morrendo de fome, dentro de uma semana, se eu não tivesse feito esta escala."

"Intrometido! Inglês intrometido! E suponhamos que os tratantes não mereçam nada melhor do que morrer de fome, hein?"

"Há mulheres e crianças ali, o senhor sabe", observou Jasper, em seu tom inalterável.

"Ah, sim! Quando um inglês fala de mulheres e crianças, podemos estar seguros de alguma coisa suspeita no assunto. Suas ações serão investigadas."

Eles falavam em turnos, como se fossem espíritos desencarnados — meras vozes no ar vazio, pois eles olhavam um para o outro como se não houvesse nada ou, na melhor das hipóteses, com a identificação que se dá a um objeto inanimado e nada mais. Mas então caiu um silêncio. Heemskirk tinha pensado, de repente: "Ela lhe dirá tudo sobre isto. Ela o fará enquanto estiver dependurada no seu pescoço, rindo". E um súbito desejo de aniquilar Jasper, naquele momento, por sua veemência quase o privou de seus sentidos. Ele perdeu o poder da palavra, da visão. Por um momento, ele não pôde, absolutamente, ver Jasper. Mas o ouviu, perguntando, como se falasse do mundo, como um todo: "Devo concluir, então, que o brigue está retido?"

Heemskirk recobrou-se, a um fluxo de satisfação maligna.

"Sim. Eu vou levá-lo até Makassar, rebocado."

"As Cortes terão de decidir sobre a legalidade disto", disse Jasper, consciente de que o assunto estava se tornando sério, mas com assumida indiferença.

"Ah, sim, as Cortes! E quanto a você, eu o conservarei a bordo, aqui."

A angústia de Jasper ao ser separado de seu navio foi traída por uma imobilidade pétrea, que durou apenas um instante. Então, ele virou-se e saudou o brigue. Mr. Schultz respondeu: "Sim, senhor!" "Esteja pronto para receber uma corda de reboque da canhoneira. Vamos ser levados para Makassar."

"Santo Deus! Por quê, senhor?", veio, abafado, um grito ansioso.

"Gentileza, eu suponho." Jasper, irônico, gritou, com grande ponderação. "Podíamos ficar aqui — detidos pela calma — alguns dias. É hospitalidade. Fui convidado a ficar a bordo, aqui."

A resposta a essa informação foi uma sonora exclamação de angústia. Jasper pensou, ansiosamente: "Como os nervos do sujeito estão em pedaços!" E, com uma preocupação embaraçosa de um novo tipo, ele olhou atentamente para o brigue. O pensamento de que estava separado do brigue — pela primeira vez, desde que eles se tinham juntado — sacudiu a aparentemente descuidada fortaleza de seu caráter até seus fundamentos, que

eram profundos. Durante todo esse tempo, nem Heemskirk nem sua sombra negra tinham feito o mínimo movimento.

"Vou mandar uma tripulação e um oficial para bordo de seu navio", ele anunciou, para ninguém em particular. Jasper, arrancando-se de sua absorvida contemplação do brigue, virou-se e, sem paixão, quase sem expressão na voz, começou seus protestos contra todos aqueles procedimentos. O que ele pensava era no atraso. Ele contava os dias. Makassar estava realmente em sua rota e ser rebocado até lá salvava tempo. Por outro lado, haveria algumas irritantes formalidades a cumprir. Mas a coisa era absurda demais. "O besouro enlouqueceu", ele pensou. "Eu serei solto logo. E se não, Mesman pode entrar com uma carta de fiança a meu favor." Mesman era um comerciante holandês que tinha tido muitos negócios com Jasper, uma pessoa importante em Makassar.

"Você protesta? Hum!", Heemskirk resmungou, e por um pouquinho mais de tempo permaneceu imóvel, as pernas plantadas bem separadas, a cabeça baixa, como se estivesse estudando sua própria sombra, cômica, profundamente fendida. Então, ele fez um sinal para o rotundo atirador, que tinha permanecido à mão, imóvel, como um mal recheado espécimen de homem gordo, de rosto sem vida e olhos pequenos e brilhantes. O sujeito aproximou-se e permaneceu em posição de sentido.

"Você permanecerá no brigue, com uma tripulação do bote."

"Ya, mein herr."

"Você terá um de seus homens na direção dele durante todo o tempo. Está ouvindo?", prosseguiu Heemskirk, dando suas ordens em inglês, aparentemente para instrução de Jasper.

"Ya, mein herr."

"Você ficará no convés e de serviço, todo o tempo."

"Ya, mein herr!"

Jasper sentia como se junto com o comando do brigue seu próprio coração estivesse sendo arrancado do peito. Heemskirk perguntou, com uma mudança de tom:

"Que armas você tem a bordo?" Houve um tempo, no passado, em que todos os navios que navegavam nos mares da China tinham licença para carregar uma certa quantidade de armas de fogo, para defesa. Jasper respondeu: "Dezoito rifles, com suas baionetas, que estavam a bordo quando eu comprei o brigue, há quatro anos. Elas foram declaradas".

"Onde estão guardadas?"

"No beliche de proa. O imediato tem a chave."

"Você tomará posse delas", disse Heemskirk para o atirador.

"Ya, mein herr."

"Para que é isto? O que o senhor pretende sugerir?", gritou Jasper, e mordeu o lábio. "É monstruoso", murmurou.

Heemskirk levantou por um momento um olhar pesado, como se sofredor.

"Você pode ir", disse ele para o seu atirador. Durante as 30 horas seguintes, o reboque constante foi interrompido uma vez. A um sinal do brigue, feito pelo ondular de uma bandeira no castelo de proa, a canhoneira parou. O espécimen mal recheado de subtenente, embarcando em seu bote, chegou a bordo do Neptun e apressou-se na direção da cabina do comandante; o pisca-pisca de seus olhinhos traía sua excitação, causada por alguma coisa que ele tinha de comunicar. Os dois tiveram uma conversa particular por algum tempo, enquanto Jasper, no balaústre, tentava decifrar se qualquer coisa fora do comum tinha ocorrido a bordo do brigue. Mas nada parecia estar errado a bordo. Entretanto, ele conservou uma vigilância sobre o atirador e, embora tivesse evitado falar com qualquer pessoa após ter terminado com Heemskirk, ele parou aquele homem que saía para o convés, para perguntar como estava seu imediato.

"Ele não estava muito bem, quando eu saí", acrescentou.

O gordo subtenente, mantendo-se firme, como se o esforço de carregar a própria barriga à sua frente exigisse uma postura forte, compreendia com dificuldade. Nem um único traço de suas feições mostrava a mínima animação, mas seus olhinhos piscaram rapidamente, afinal.

"Oh, ya! O imediato. Ya! Ya! Ele está muito bem, mas, mein Gott, ele é um homem muito engraçado."

Jasper não pôde obter explicação a respeito do comentário, porque o holandês entrou no bote apressadamente e voltou para bordo do brigue. Mas ele se consolava com o pensamento de que em breve aquela experiência desagradável e bastante absurda teria passado. O ancoradouro de Makassar já estava à vista. Heemskirk passou por Jasper, indo para a ponte. Pela primeira vez, o tenente olhou para Jasper demonstrando atenção e o estranho rolar de seus olhos era tão engraçado — há muito tempo Jasper e Freya concordavam em que o tenente era engraçado — tão estaticamente gratificado, como se estivesse rolando na língua qualquer coisa saborosa — que Jasper não pôde evitar um largo sorriso. E então, virou-se novamente para o seu brigue.

Ver aquele seu navio querido, animado por alguma coisa da alma de sua Freya, o único apoio de duas vidas em todo o vasto mundo, a segurança de sua paixão, o companheiro de aventuras, que tinha o poder de arrebatá-la para o fim do mundo, ver aquela Freya para seu colo e carregá-la para o fim do mundo, ver aquele barco bonito que incorporava, com merecimento, seu orgulho e seu amor, vê-lo cativo, na ponta de uma corda de reboque não era, de fato, uma experiência agradável. Havia alguma coisa de pesadelo naquilo, como, por exemplo, o sonho de um selvagem pássaro marinho oprimido por correntes.

Agora, para o que mais ele podia querer olhar? A beleza do brigue vinha, algumas vezes, até seu coração como um feitiço, para que ele esquecesse onde estava. E além disso, aquele senso de superioridade que a certeza de ser amado dá a um jovem, que a ilusão de ser colocado acima das deusas do destino por um terno olhar de uma mulher, ajudavam-no, eram o primeiro impulso para o alto, para suportar essas experiências com uma divertida confiança em si mesmo. Pois, que mal poderia atingir o eleito de Freya?

Era de tarde agora, o sol estando atrás das duas nave que se dirigiam para a baía. "A brincadeirinha do besouro logo estará acabada", pensou Jasper sem nenhuma grande animosidade. Como um homem do mar que era bom conhecedor daquela parte do mundo, um olhar casual era bastante para dizer-lhe o que estava sendo feito. "Ora", ele pensou, "ele está indo pela Spermonde Passage. Logo estaremos contornando o recife Tamissa."

E ele voltou, de novo, à contemplação de seu brigue, aquele suporte de sua existência material, que logo estaria novamente em suas mãos. Num mar calmo como um poço de água de um moinho, um pesado e macio encrespamento ondulou e correu de sua proa, pois o poderoso Neptun estava rebocando a toda força, como se numa corrida.

O atirador holandês apareceu no castelo de proa do Bonito, com dois outros homens. Eles permaneceram olhando para a costa e Jasper perdeu-se num sentimento semelhante a um transe de amor.

O som de tonalidade profunda da campainha da canhoneira o fez estremecer, por inesperado. Vagarosamente, ele olhou em volta. Rápido como um relâmpago, ele saltou de onde estava, compelido para a frente ao longo do convés.

"Vocês vão bater no recife Tamissa!", ele gritou.

No alto, na ponte, Heemskirk olhava para trás, pesadamente, por cima dos ombros; dois marinheiros estavam girando a roda, e o Neptun já se balançava rapidamente afastando-se para fora da margem da água pálida,

para longe do perigo. Ah! Exatamente a tempo. Jasper virou-se instantaneamente, a olhar o seu brigue; e mesmo antes que ele compreendesse que — em obediência, parece, às ordens de Heemskirk, dadas de antemão ao seu atirador — a corda de reboque tinha sido retirada ao soar da campainha.

Antes de ter tido tempo para gritar ou para mover um membro, Jasper viu o Bonito lançar-se desgovernado e disparar através da proa da canhoneira, com o ímpeto de sua velocidade. Ele seguiu a silhueta bonita, deslisante, com olhos que se tornavam grandes pela incredulidade, selvagens pelo horror. Os gritos de bordo vieram até ele apenas como um terrível e confuso murmúrio, através da grande batida do sangue nos seus ouvidos, enquanto o brigue se manteve firme, correu ereto, numa terrível exibição de seu poder de velocidade, com um ar incomparável de vida e graça. Foi correndo até que a superfície plana de água à frente de sua proa pareceu mergulhar rapidamente, como se ele tivesse sido sugado: e, com um estranho, violento tremor de seus topos de mastro, ele parou, inclinou um pouco seus altos mastros e permaneceu imóvel. Ficou imóvel no recife, enquanto o Neptun, fazendo um largo círculo, continuou a toda velocidade, subindo a Spermonde Passage, seguindo para a cidade. O brigue permanecia parado, perfeitamente imóvel, sobre o recife, com alguma coisa de mau agouro e sobrenatural em sua atitude. Num instante a sutil melancolia das coisas tocadas pela decadência caíra sobre ele, à luz do sol. Ele era apenas uma pequena mancha no vazio brilhante de espaço, já isolado, já desolado.

"Detenham-no!", gritou uma voz, da ponte. Jasper tinha começado a correr para seu brigue com um impulso impetuoso, como um homem que se arremessa à frente para arrancar com suas próprias mãos, da iminência da destruição, uma criatura amada viva, respirando, "Detenham-no! Agarrem-se a ele!", vociferava o tenente, no topo da escada da ponte, enquanto Jasper lutava loucamente, sem uma palavra, apenas sua mão emergindo da pesada multidão dos marinheiros do Neptun, que se tinham agarrado a ele obedientemente.

"Segurem-no! Eu não quero, por nada, que esse sujeito se afogue agora."

Jasper deixou de lutar. Um por um, eles se afastaram dele; retiraram-se gradualmente para mais e mais longe, num silêncio atento, deixando-o de pé, desamparado, num lugar claro, ampliado, como se para dar-lhe bastante espaço para cair depois da luta. Ele nem mesmo se balançava perceptivelmente. Meia hora mais tarde, quando o Neptun ancorou em frente

à cidade, ele ainda não tinha se mexido, não tinha movido cabeça ou membros mais do que um quase nada. Imediatamente, o barulho dos cabos da canhoneira cessou e Heemskirk desceu pesadamente da ponte.

"Chamem uma sampana", disse ele num tom sombrio, quando passou pela sentinela no passadiço, e então dirigiu-se ao local onde Jasper, 'objeto de muitos olhares horrorizados, permanecia de pé, olhando para o convés, como se perdido numa meditação profunda. Heemskirk subiu, aproximou-se muito e olhou-o fixa e pensativamente, com os dedos sobre os lábios. Aqui estava ele, o vagabundo favorecido, o único homem a quem aquela moça infernal provavelmente contaria a história.

Mas ele não a acharia engraçada. A história de como o tenente Heemskirk... Não, ele não ria daquilo. Parecia que ele nunca mais ria de coisa alguma em sua vida.

De repente, Jasper olhou para cima. Seus olhos, sem nenhuma outra expressão que espanto, encontraram os de Heemskirk, sombrios e observadores.

"Liquidado no recife!", disse ele, Heemskirk, num tom grave, estupefaciente. "No recife!", repetiu, ainda mais baixo, e como se atendendo intimamente ao surgimento de uma horrível e assombrosa sensação.

"Exatamente no topo das marés altas da primavera", Heemskirk insistiu, com uma violência vingativa, exultante, que acendia e expirava. Ele fez uma pausa, como se estivesse cansado, fixando sobre Jasper seus arrogantes olhos, sobre os quais um secreto desencanto, a sombra inevitável de toda paixão parecia passar, como uma nuvem entristecedora.

"Exatamente no topo!", ele repetiu, levantando-se em impetuosa reação, para arrancar da cabeça seu quepe encordado, com um floreio horizontal irônico na direção do passadiço. "E agora você pode desembarcar e procurar as Cortes, seu inglês miserável!", ele disse.

Capítulo VI

O caso do brigue Bonito estava fadado a causar sensação em Makassar, a cidade mais bonita e talvez a mais limpa de todas as cidades das ilhas, que, entretanto, tem poucas ocasiões para agitação. A parte beira-mar, com sua população especial, soube logo que alguma coisa havia acontecido. Um navio a vapor, rebocando um navio à vela, tinha sido observado longe, no mar, por algum tempo, e quando o vapor entrou sozinho, deixando o outro do lado de fora, despertou a atenção. Por quê aquilo? Apenas os mastros podiam ser vistos — com as velas enroladas — permanecendo no mesmo lugar, para o sul. Logo espalhou-se o rumor pela rua da praia, cheia de gente, que havia um navio no recife Tamissa. Aquela multidão interpretou corretamente a aparição cuja causa estava além da compreensão das pessoas. Quem poderia associar uma moça, à distância de 900 milhas, com o encalhe de uma embarcação no recife Tamissa, ou procurar a remota filiação daquele evento na psicologia de pelo menos três pessoas, mesmo que uma delas, o tenente Heemskirk, estivesse, naquele momento, passando por entre a multidão, no seu caminho para fazer seu depoimento verbal?

Não, as mentes na beira-mar não eram competentes para aquela sorte de investigação, mas muitas mãos ali — mãos morenas, mãos amarelas, mãos brancas — eram levantadas para dar sombra aos olhos que olhavam para o mar. O rumor espalhou-se rapidamente. Lojistas chineses vieram para suas portas, até mesmo mais de um lojista branco levantou-se de sua mesa para ir à janela. Enfim, um navio no Tamissa não era coisa de todos os dias. E agora o rumor tomava uma foi uma mais definida: um comerciante inglês detido sob suspeita no mar pelo Neptun — Heemskirk o vinha trazendo para testar um caso e por um estranho acidente...

Mais tarde o nome veio à tona. "O Bonito — o quê! Impossível! Sim, sim! O Bonito. Olhe! Você pode ver daqui; apenas dois mastros. É um brigue. Eu não pensava que aquele homem algum dia se deixasse ser apanhado. Heemskirk é muito esperto, também. Dizem que o brigue tem uma cabina equipada como o iate de um cavalheiro. Aquele Allen é uma espécie de cavalheiro também. Um caprichoso ladrão."

Um jovem entrou rapidamente no escritório dos Mesman Brothers, no "beira-mar", com algumas informações mais recentes.

"Ah, sim; é, de fato, o Bonito! Mas vocês não sabem a história que eu acabo de ouvir. O sujeito deve ter estado enchendo aquele rio com almas de fogo pelo último ano, ou mais. Bem, parece que ele ficou tão descuidado, pela longa impunidade, que agora ele se atreveu a vender os próprios rifles do navio. É um fato. Os rifles não estão a bordo. Que imprudência! Mas ele não sabia que havia um de nossos navios de guerra na costa. Mas aqueles ingleses são tão sem-vergonha que talvez ele pensasse que nada lhe aconteceria por isso. Nossas Cortes desculpam esses camaradas com muita frequência, sob qualquer desculpa miserável. Mas, de qualquer forma, ali está o fim do famoso Bonito. Acabo de ouvir, no escritório da enseada, que ele deve ter ido até o tope de maré alta; e ele está estabilizado, também. Nenhum poder humano, eles pensam, poderá removê-lo de onde ele está. Eu espero apenas que seja assim. Seria bom termos o Bonito espetado lá, como uma advertência para outros."

O Sr. J. Mesman, um holandês nascido na colônia, um velho camarada paternal, com o rosto barbeado, tranquilo, bonito, e a cabeça com bonitos cabelos cinza-ferro que caíam ondulados sobre o colarinho, não disse uma palavra em defesa de Jasper e do Bonito. Ele levantou-se de sua poltrona, de repente. Seu rosto estava visivelmente perturbado. Isso acontecera uma vez numa conversa sobre os meios e os caminhos, comércio das ilhas, assuntos monetários, e assim por diante; Jasper tinha sido levado a abrir-se com ele, sobre Freya; e o excelente homem, que já conhecia o velho Nelson havia anos e lembrava mesmo alguma coisa de Freya, ficou realmente muito admirado e contente com o desenvolvimento da narrativa.

"Bem, bem, bem! Nelson! Sim, é claro! Um homem muito honesto! E uma criancinha muito loura. Ah, sim! Eu tenho uma lembrança nítida. E então ela se fez uma moça tão bonita, tão determinada, tão..." E ele riu quase turbulentamente. "Lembre-se, quando tiver fugido com sua futura esposa, capitão Allen, venham até aqui e eu terei prazer em recebê-la — uma linda criancinha loura! Eu me lembro, eu me lembro!"

Foi aquele conhecimento o que tinha trazido perturbação a seu rosto desde a primeira notícia do desastre. Ele pegou o chapéu.

"Aonde vai, senhor Mesman?" "Vou procurar Allen. Acho que ele deve estar desembarcado. Alguém sabe?"

Nenhuma das pessoas presentes sabia. E o Sr. Mesman saiu andando pela beira-mar para procurar notícias.

A outra parte da cidade, a parte perto da igreja e do forte, teve informações de outra forma. A primeira coisa que apareceu foi o próprio Jasper caminhando rapidamente, como se estivesse perseguido. E, na verdade, um chinês, obviamente dono de sampan, o seguia no mesmo passo apressado. De repente, quando passava por Orange House, Jasper desviou-se e entrou, ou melhor, arremeteu-se para dentro assustando muito Gomez, o funcionário do hotel.

Mas um chinês, começando a fazer um barulho inconveniente à porta, chamou a atenção de Gomez. O chinês reclamava que o homem branco que ele trouxera para terra, da canhoneira, não tinha pago sua passagem. Ele o tinha perseguido até agora, reclamando por todo o caminho. Mas o homem branco não tinha dado a mínima atenção à sua justa reclamação. Gomez satisfez o chinês com umas poucas moedas e foi procurar Jasper, que ele conhecia muito bem. Encontrou-o sentado, retesado, junto de uma mesinha redonda. Na outra extremidade da varanda, uns poucos homens sentados ali tinham parado de conversar e olhavam para ele em silêncio. Dois jogadores de bilhar, com seus tacos nas mãos, tinham vindo para a porta da sala e também o observavam.

Quando Gomez veio atendê-lo, Jasper levantou a mão para apontar sua própria garganta. Gomez notou o estado um tanto sujo de sua roupa branca e então lançou um olhar para seu rosto e correu, para pedir a bebida que ele parecia estar pedindo.

Onde ele queria ir — com que fim — onde ele, talvez, apenas imaginava estar indo, quando um impulso repentino ou a vista de um lugar familiar o fez entrar na Orange House é impossível dizer. Ele se apoiava levemente com as pontas dos dedos sobre a mesinha. Naquela varanda havia dois homens que ele conhecia bem, pessoalmente, mas seu olhar, vagando incessantemente, como se ele estivesse procurando um meio de escapar, passava e repassava sobre eles, sem um sinal de reconhecimento. Eles, por seu lado, olhando para Jasper, duvidavam do testemunho de seus próprios olhos. Não que seu rosto estivesse deformado. Pelo contrário, ele estava tranquilo, ele estava imóvel. Mas sua expressão, de qualquer forma, estava irreconhecível. É possível que seja ele?, eles se perguntavam, com surpresa e assombro.

Em sua cabeça havia um caos selvagem de pensamentos claros. Era essa clareza que era tão terrível, em conjunção com a total inabilidade de reter qualquer um deles, por simples que fosse. Ele estava dizendo para si mesmo, ou para os outros: "Firme! Firme!" Um rapaz chinês apareceu à frente dele,

com um copo numa bandeja. Ele derramou a bebida pela garganta abaixo e saiu correndo. Seu desaparecimento removeu a magia do assombro dos observadores. Um deles saltou e moveu-se rapidamente para aquele lado da varanda, do qual quase todo o ancoradouro podia ser visto. No momento exato em que Jasper, saindo pela porta de Orange House, passava abaixo dele, na rua, embaixo, ele gritou para os outros, excitado: "Era Allen, com certeza! Mas onde está seu brigue?"

Jasper ouviu estas palavras com extraordinária intensidade. Os céus soaram com elas, como se chamando-o para um acerto de contas; pois eram estas as verdadeiras palavras que Freya teria de usar. Era uma pergunta aniquiladora; ela feria sua consciência como um raio e trazia uma noite sobre o caos de seus pensamentos, mesmo quando ele caminhava. Ele não controlava seus passos. Caminhou na escuridão por outras três largas passadas e então caiu.

O bom Mesman teve de correr ao hospital para encontrá-lo. O médico ali disse que tinha sido uma leve insolação. Nada de grave. Ele teria alta em três dias... Deve-se admitir que o médico estava certo. Em três dias Jasper saiu do hospital e tornou-se visível para a cidade — muito visível, de fato, e permaneceu assim por um longo, longo tempo; bastante longo para que ele se tornasse quase uma das atrações do lugar; bastante longo para que deixasse de chamar a atenção, por fim; bastante longo para que a narrativa de sua visibilidade obsessiva fosse lembrada nas ilhas até hoje.

O debate na beira-mar e o aparecimento de Jasper na Orange House permanecem no início do famoso caso Bonito e dão uma visão de seus dois aspectos — o prático e o psicológico. O caso para as Cortes e o caso para compaixão, que continuam terrivelmente evidentes ainda que obscuros.

Ele tem, deve-se compreender, permanecido obscuro mesmo para aquele meu amigo que me escreveu uma carta mencionada nas primeiras linhas desta narrativa. Ele era um daqueles que estavam no escritório do Sr. Mesman e acompanhou aquele senhor na sua busca por Jasper. Sua carta me mostrou os dois aspectos e alguns dos episódios do caso. A atitude de Heemskirk era aquela de profunda gratidão por não ter perdido seu próprio navio, e isso era tudo. Nevoeiro sobre a terra era a sua explicação para ter se aproximado tanto do recife Tamissa. Ele salvou seu navio e o resto não lhe importava. Quanto ao gordo atirador, ele depôs, simplesmente, que na ocasião pensou que ele estava agindo pelo melhor quando soltou a corda de

reboque, mas admitiu que estava muito confuso pela brusquidão da emergência.

Na verdade, ele havia agido sob instruções muito precisas de Heemskirk, de quem, através de vários anos de serviço juntos, no Leste, ele tinha se tornado uma espécie de devotado lacaios. O que era mais assombroso na apreensão do Bonito, era sua história de como, procedendo à tomada de posse das armas de fogo, conforme ordens recebidas, ele descobriu que não havia armas a bordo. Tudo o que ele encontrou no beliche de proa foi um engradado vazio, exatamente para o número de 18 rifles; mas dos rifles, propriamente, nem um sinal em parte alguma do navio. O imediato do brigue, que parecia bastante doente e agia excitadamente, como se fosse, talvez, um lunático, queria que ele acreditasse que o capitão Allen nada sabia daquilo; que tinha sido ele quem tinha, recentemente, vendido aqueles rifles, alta noite, a uma certa pessoa, acima, no rio. Como prova desta história, ele mostrou uma bolsa de dólares de prata e com isto influiu na credulidade do atirador. Depois, arremessando-a repentinamente ao chão, no convés, ele esmurrou a própria cabeça com os punhos e começou a lançar pragas espantosas sobre sua própria alma, por ser um ingrato pobre diabo, não digno de estar vivo.

Tudo isto o atirador reportou, incontinenti, ao seu oficial-comandante.

O que Heemskirk pretendia, tomando para si a apreensão do Bonito, é difícil dizer, exceto que ele queria levar alguma dificuldade à vida do homem favorecido por Freya. Ele estivera olhando para Jasper com o desejo de golpear aquele homem de beijos e abraços, até prostrá-lo no chão. A questão era: como poderia ele fazê-lo, sem se entregar? Mas a informação do atirador criou um caso bastante sério. Além disso, Jasper tinha amigos — quem poderia dizer se ele, de alguma forma, não conseguiria livrar-se daquilo? A ideia de rebocar o brigue tão comprometido para o recife veio-lhe enquanto ele observava o gordo atirador em sua cabina. Havia pouco risco de ser desaprovado agora. E poderia ser feito de maneira a parecer um acidente.

Saindo para o convés, ele se regozijara sobre sua vítima inconsciente com um sinistro rolar de olhos, uma boca tão esquisitamente torcida, que Jasper não pode deixar de sorrir. E o tenente tinha ido pela ponte, dizendo para si mesmo:

"Espere, eu estragarei o gosto daqueles beijos, para você. Quando você ouvir a respeito do tenente Heemskirk, futuramente, esse nome não trará um

sorriso aos seus lábios, eu juro. Você está nas minhas mãos".

E essa possibilidade tinha vindo sem qualquer planejamento, quase, poder-se-ia dizer, naturalmente, como se os acontecimentos se tivessem formado para se adaptarem aos propósitos de uma paixão cega. O mais astuto esquema não poderia servir melhor a Heemskirk. Foi-lhe dado provar uma transcendental, uma incrível perfeição de vingança — desferir um golpe mortal no coração daquela pessoa odiada e vê-la, mais tarde, vagando, com uma adaga no peito.

Pois esse é o estado a que chegou Jasper. Ele movia-se, agia com olhos cansados, rosto severo, magro e irrequieto, com movimentos bruscos e gestos selvagens; ele falava incessantemente, numa voz frenética e fatigada, mas intimamente ele sabia que nada mais lhe traria de volta o seu brigue, tal como nada pode curar um coração ferido. Sua alma, conservada tranquila pela influência indomável de Freya, era como uma corda imóvel, mas super esticada. O choque tinha disparado sua vibração e a corda tinha estalado. Ele esperara durante dois anos, perfeitamente intoxicado de confiança, por um dia que agora nunca viria, para um homem desarmado para o resto da vida pela perda do brigue e, parecia-lhe, tornado inapto para o amor pois não tinha um lar para oferecer.

Dia após dia, ele atravessava a cidade de um lado para outro, seguia pela costa e, atingindo o ponto de terra oposto àquela parte do recife na qual seu brigue jazia encalhado, olhava firmemente para o outro lado, para seu amado vulto que tinha sido uma vez a morada de uma esperança exultante, e agora, na sua inclinada, desolada imobilidade, elevando-se acima do horizonte solitário, um símbolo da desolação.

A tripulação o tinha deixado no tempo devido, em seus próprios botes, que foram sequestrados tão logo chegaram à cidade, pelas autoridades do porto. O navio também foi sequestrado, pendente de ação legal; mas essas mesmas autoridades não se incomodaram de estabelecer uma guarda a bordo. Pois, realmente, o que poderia movê-lo dali? Nada, a não ser um milagre; nada, a não ser os olhos de Jasper, tensamente presos por horas, como se ele tivesse esperança de, pelo mero poder da visão, arrastá-lo para seu colo.

Toda essa história, lida na carta muito loquaz de meu amigo, não me desanimou nem um pouco. Mas foi realmente apavorante ler seu relato de como Schultz, o imediato, ia por todo lado afirmando, com desesperada pertinácia, que fora ele sozinho que tinha vendido os rifles. "Eu os roubei",

ele protestava. Estava claro que ninguém acreditava nele. Meu amigo, ele próprio, não acreditava, embora, naturalmente, admirasse aquele sacrifício. Mas muita gente pensou que ele estava indo muito longe para fazer de si mesmo um ladrão, em prol de um amigo. Apenas, era uma mentira tão óbvia, também, que talvez não tivesse importância.

Eu, que, em vista da psicologia de Schultz, sabia como poderia ser verdade, admito que estava admirado. Aquilo foi a história de como um destino perverso tirou vantagem de um generoso impulso.

E eu me senti como se fosse um cúmplice naquela perfídia, desde que, de certa maneira, encorajara Jasper. No entanto, eu o havia avisado, também.

"O homem parecia ter enlouquecido, neste ponto", escreveu meu amigo. "Ele procurou Mesman, com sua história. Ele diz que um ignóbil homem branco que vive entre os nativos acima, no rio, embebedou-o com gim, certa noite, e então zombou dele, por nunca ter tido dinheiro. Então ele, protestando que era um homem honesto e que deviam acreditar nele, falava de si como sendo um ladrão toda vez que bebia uma gota a mais e nos contava que foi a bordo e passou os rifles, um por um, sem a menor compunção, para uma canoa que foi até lá naquela noite, recebendo dez dólares por rifle.

"No dia seguinte, ele estava doente, de vergonha e pesar, mas não teve coragem de confessar seu erro ao seu benfeitor. Quando a canhoneira fez parar o brigue, ele se sentiu pronto para morrer, pela preocupação com as consequências, e teria morrido feliz, se pudesse ter sido capaz de trazer os rifles de volta, pelo sacrifício de sua vida. Ele nada disse a Jasper, esperando que o brigue fosse desimpedido logo.

"Quando aconteceu de outra maneira, e seu capitão foi detido a bordo de uma canhoneira, ele ficou a ponto de cometer suicídio, de tanto desespero. Mas pensou que era seu dever fazer com que a verdade fosse conhecida. "Eu sou um homem honesto! Eu sou um homem honesto!" Ele repetia numa voz que trazia lágrimas aos nossos olhos. "As pessoas precisam acreditar em mim, quando eu digo que sou um ladrão — um vil, baixo, astucioso, sorrateiro ladrão, tão logo eu tenha bebido um copo, ou dois. Levem-me a qualquer parte onde eu possa fazer declarações sob juramento."

"Quando finalmente o convencemos de que sua história podia não ser útil a Jasper — pois, que Corte holandesa, uma vez tendo agarrado um negociante inglês, aceitaria uma explicação como aquela? E, de fato, como, quando, onde podia alguém esperar encontrar provas para uma narrativa

daquelas? —, ele fez como quem queria arrancar os cabelos aos punhados mas, acalmando-se, disse: "Adeus, então, senhores", e saiu da sala tão bêbado, que parecia dificilmente capaz de colocar um pé na frente do outro. Nessa mesma noite ele cometeu suicídio, cortando a garganta, na casa de um mestiço com quem ele estivera morando desde que veio para terra firme, depois do desastre do brigue."

Aquela garganta, pensei eu com um arrepio, que podia produzir a terna persuasiva, máscula, fascinante voz que havia despertado a pronta compaixão de Jasper e a simpatia de Freya! Quem poderia ter suposto um tal fim para o impossível, delicado Schultz, com sua idiossincrasia de ladroíce ingênua, tão estritamente honesta que, mesmo nas pessoas que tinham sofrido com isto, incitava nada mais do que uma divertida exasperação? Ele era realmente impossível. Seu destino, evidentemente, devia ter sido uma existência meio faminta mas absolutamente não trágica, como um inofensivo vagabundo de praia de olhos suaves, na borda da vida nativa. Há ocasiões em que a ironia do destino que algumas pessoas admitem descobrir, na elaboração de nossas vidas, tem o aspecto de cru e severo gracejo.

Eu tirei da cabeça a cabeleira de Schultz e prossegui com a carta de meu amigo. Ela me contava como o brigue no recife, cheio de nativos das aldeias da costa, tomou gradualmente o lamentável aspecto, a cinzenta aparência fantasmagórica de uma ruína; enquanto Jasper, enfraquecendo a cada dia, até tornar-se a mera sombra de um homem, caminhava bruscamente ao longo da beira-mar, com olhos horivelmente vivazes e um fraco, fixo sorriso nos lábios, a passar o dia numa isolada ponta de terra, olhando ansiosamente para o brigue, como se esperasse que surgisse algum vulto a bordo, para erguer-se e fazer alguma espécie de sinal para ele, acima da amurada em ruínas. Os Mesmans cuidavam dele tão bem quanto possível. O processo do Bonito fora encaminhado para Batavia onde, sem dúvida, ela se acabaria numa miscelânea de papéis oficiais... A leitura de tudo aquilo foi de cortar o coração. Aquele ativo e zeloso oficial, tenente Heemskirk, sua presunção mal-humorada, triste, não diminuída pela aprovação de sua ação, a ele transmitida não oficialmente, tinha continuado em sua carreira, até seu posto nas Molucas...

Então, no fim da volumosa e bem intencionada carta versando sobre acontecimentos da ilha em meio ano, pelo menos, meu amigo escreveu: "Dois meses atrás, o velho Nelson chegou aqui, vindo de Java, no navio-correio. Veio em busca de Mesman, parece. Uma visita misteriosa e

extraordinariamente curta, tendo ele vindo daquela distância. Ele ficou exatamente quatro horas em Orange House, sem, aparentemente, nada, em particular, para fazer, e então tomou o vapor que ia para o sul, para os estreitos. Eu me lembro de ouvir pessoas dizerem, certa ocasião, que Allen era muito apaixonado pela filha dele. A moça fora educada por Mrs. Harley e depois foi viver com o pai, no grupo das Sete Ilhas. Seguramente, você se lembra do velho Nelson..."

Lembrar-me do velho Nelson! Ora essa! A carta continuava para informar-me mais ainda, que o velho Nelson, por fim, lembrou-se de mim, já que algum tempo depois de sua rápida visita a Makassar, tinha escrito para Mesman, perguntando pelo meu endereço em Londres.

Que o velho Nelson (ou Nielsen), a característica de cuja personalidade era uma profunda, muda incompreensão de tudo à sua volta, quisesse escrever, ou encontrar alguma coisa para escrever sobre seja lá quem for, era já por si causa para uma não pequena surpresa. E logo para mim, no meio de todo mundo! Esperei com bastante impaciência que qualquer esclarecimento viesse daquela inteligência naturalmente bondosa, mas minha impaciência teve tempo para gastar-se antes que meus olhos observassem a caligrafia trêmula, penosamente obtida, ao mesmo tempo senil e infantil, com um envelope selado com um selo de penny e o carimbo postal do correio de Notting Hill. Retardei a abertura da carta a fim de pagar o devido tributo ao acontecimento e pus as mãos na cabeça.

Assim, ele tinha vindo para a Inglaterra, para ser definitivamente Nelson: ou então estava a caminho de sua terra, da Dinamarca, onde ele reverteria para sempre ao original Nielsen. Mas o velho Nelson (ou Nielsen), fora dos trópicos, parecia impensável. Entretanto, ele estava ali, pedindo-me que fosse vê-lo.

Seu endereço era uma pensão numa daquelas praças Bayswater, antigamente de descanso, que atualmente estão obrigadas a ganhar a vida.

Alguém lhe havia recomendado aquele lugar. Saí para vê-lo num daqueles dias de janeiro, em Londres, um daqueles dias de

vento, um daqueles dias de inverno, compostos de quatro elementos demoníacos: frio, umidade, lama, sujeira, combinados com uma particular viscosidade da atmosfera, que adere como uma peça de roupa suja até nossa própria alma. Entretanto, aproximando-me de sua moradia, eu vi como um relâmpago, muito atrás do sujo véu dos quatro elementos, o ofuscante e esplêndido brilho de um mar azul, com as Sete Ilhas, como fagulhas

diminutas nadando dentro de meus olhos, o alto telhado vermelho do bangalô coroando a menor de todas elas. Estas reminiscências visuais eram profundamente incômodas. Eu bati à porta com a mão trêmula.

O velho Nelson (ou Nielsen) levantou-se de junto da mesa, onde estava sentado, com uma agenda estragada, cheia de jornais, à sua frente. Ele tirou os óculos, antes de me apertar a mão. Depois, notando que eu olhava em volta, de alguma forma em expectativa, ele murmurou algumas palavras, das quais eu apenas captei "filha" e "Hong Kong", baixou os olhos e suspirou.

Seu bigode, espetado em todos os sentidos, como dantes, estava inteiramente branco, agora. Suas velhas bochechas estavam ligeiramente arredondadas e tinham alguma cor; bastante estranhamente, aquele ligeiro ar infantil sempre presente no contorno geral de sua fisionomia tornara-se mais acentuado. Como sua caligrafia, ele parecia infantil e senil. Mostrava sua idade mais na testa enrugada, ansiosa, e em seus olhos inocentes, redondos, que me pareciam fracos, pestanejantes e úmidos. Ou estariam eles cheios de lágrimas?

Descobrir o velho Nelson bem informado sobre um assunto, qualquer que fosse, foi uma nova experiência. E depois, passado o primeiro desconforto, ele conversou livremente, com uma pergunta, de vez em quando, para retomar o assunto de onde ele tivesse caído em silêncio, o que ele fazia subitamente, batendo a mão no colete, numa atitude que me fez lembrar a varanda oriental, onde ele costumava sentar-se tranquilamente no que me parecia agora os velhos, velhos tempos. Ele conversou num tom de certa forma ansioso.

"Não, não. Durante semanas, nós nada soubemos. Afastados como estávamos, não podíamos, é claro. Não há correio para Sete Ilhas. Mas um dia eu parti para Banka em meu grande barco à vela, para ver se havia qualquer carta, e vi um jornal holandês. Mas parecia apenas um pedaço de um jornal naval: brigue inglês Bonito naufragado na rota de Makassar. Era tudo. Levei o jornal para casa e mostrei-o a ela. "Eu nunca o perdoarei!", ela gritou, com seu velho temperamento. "Minha querida", eu disse, "você é uma moça sensata. O melhor homem pode perder um navio. Mas pense na sua saúde!" Eu começava a ficar assustado com a aparência dela. Antes, ela não me teria deixado ao menos conversar sobre ir a Singapura, mas, realmente, uma moça sensata não pode deixar de objetar para sempre. "Faça o que quiser, papai", ela disse. Uma verdadeira tarefa, aquela.

Tinha que tomar um veleiro em viagem, mas encontrei-o facilmente. Depois os médicos, é claro. Febre. Anemia. Eu a pus de cama. Duas ou três mulheres muito carinhosas com ela. Naturalmente, em nossos jornais, toda a história apareceu, em pouco tempo. Ela leu-a até o fim, deitada em sua cama; depois entregou-me o jornal e murmurou: "Heemskirk", e desmaiou." Ele pestanejou por um longo tempo, os olhos cheios de lágrimas, novamente. "No dia seguinte", ele começou, sem nenhuma emoção na voz, "ela sentiu-se melhor e tivemos uma longa conversa. Ela me contou tudo".

Aqui o velho Nelson, de olhos baixos, contou-me todo o episódio de Heemskirk, nas palavras de Freya. Depois continuou, numa pronúncia bastante convulsiva e olhando para cima, inocentemente: "Minha querida", eu disse, "no mais importante, você procedeu sensatamente. "Eu tenho sido horrível", ela gritou, "e ele está sofrendo muito, lá longe". Bem, ela era bastante ajuizada para não ver que não estava em estado de viajar. Mas eu fui. Ela me pediu que fosse. Ela estava sendo muito bem cuidada. Anemia. Melhorando, elas diziam", ele fez uma pausa.

"Você o viu?", murmurei. "Ah, sim, eu o vi", ele recomeçou, falando naquela voz moderada, como se estivesse arrazoando um detalhe. "Eu o vi. Fui encontrá-lo. Olhos afundados uma polegada para dentro da cabeça; nada além de pele e ossos no rosto, um esqueleto vestido com roupas brancas e sujas. Era como ele estava. Como Freya...

Mas ela nunca, realmente... Ele estava ali, sentado, o único ser vivo num raio de milhas, ao longo daquela costa, sobre uma tora podre, molhado, na praia. Tinham raspado seus cabelos no hospital e eles ainda não haviam crescido. Ele tinha um olhar parado, sustentando o queixo sobre a mão, e nada havia entre ele e o céu, a não ser aqueles destroços de um navio. Quando eu me aproximei, ele apenas moveu um pouco a cabeça. "É você, meu velho?", ele disse, dessa maneira.

"Se você o tivesse visto, teria compreendido imediatamente como era impossível para Freya ter, algum dia, amado aquele homem. Bem, bem. Eu não digo. Ela podia ter — alguma coisa. Ela estava solitária, você sabe. Mas realmente, ir-se embora com ele... Nunca! Loucura! Ela era muito sensível... Eu comecei a censurá-lo cuidadosamente. E aos poucos ele virou-se para mim. "Escrever para o senhor? A respeito de que? Ir até ela! Com o quê? Se eu tivesse sido um homem, eu a teria carregado dali, mas ela fez de mim uma criança, uma criança feliz. Diga-lhe que no dia em que a única coisa que me pertencia no mundo acabou neste recife, eu vi que não tinha poder sobre ela.

Ela veio com você?!" Ele gritou, exaltado, para mim, de repente, queimando-me com seus olhos vazios. Eu sacudi minha cabeça. Vir comigo. Realmente! Anemia! "Há! Há! Vá embora, então, velho, e deixe-me aqui, só, com aquele fantasma", disse ele, fazendo com a cabeça um gesto, indicando os destroços de seu brigue."

"Louco! Estava escurecendo. Não me interessava parar por mais tempo, inteiramente só com aquele homem, naquele lugar solitário. Eu ia contando a doença de Freya para aquele homem. Anemia! De que valia? Louco! E que sorte de marido teria sido ele, de qualquer maneira, para uma moça sensata como Freya? Ora, mesmo minha pequena propriedade, eu poderia não ter deixado para eles. As autoridades holandesas nunca teriam permitido a um inglês estabelecer-se aqui. Ela, então, não foi vendida. Meu criado, Mahmat, estava zelando dela, por mim. Ultimamente, eu deixei-a ir por uma décima parte de seu valor, para um mestiço. Mas não importa. Ela não era nada para mim, agora. Tomei o navio-correio de retorno. Conteí tudo a Freya. "Ele está louco", eu disse; "e, minha querida, a única coisa que ele amava, era seu brigue."

""Talvez", ela disse para si mesma — os olhos dela estavam quase tão fundos quanto os dele — "talvez seja verdade. Sim! Eu nunca lhe permitiria qualquer poder sobre mim!""

O velho Nelson fez uma pausa. Eu estava sentado, fascinado, e sentindo um pouco de frio dentro daquela sala, com o fogo aceso.

"Assim, você vê. Ela nunca, realmente, se importou com ele. Muito sensata para isto. Levei-a para Hong Kong. Mudança de clima, eles diziam. Ah! Esses médicos!

Meu Deus, inverno! Vieram dez dias de névoas frias, e vento e chuva. Pneumonia! Mas veja! Conversamos muito. Dias e serões. Quem mais tinha ela? Ela conversou muito comigo, a minha filha. Algumas vezes, ela ria um pouco. Olhava para mim e ria um pouco..."

Eu estremei. Ele olhava para cima, vagamente, com uma tristeza infantil.

"Ela costumava dizer: "Eu, realmente, não pretendia ser uma filha má para você, papai'. E eu dizia: "É claro, minha querida, você não podia ter pretendido isto'.

Ela queria ficar sossegada e então dizia: "Eu queria saber...!" E algumas vezes: "Eu tenho sido, realmente, uma covarde", ela me dizia. Você sabe, pessoas doentes dizem coisas. Então, ela dizia: "Eu fui presunçosa, cabeça

dura, caprichosa. Procurava minha própria satisfação. Fui egoísta, ou tinha medo...' Mas pessoas doentes, você sabe, não dizem nada. E uma vez, depois de ter ficado calada quase todo o dia, ela disse "Sim, talvez quando o dia tivesse chegado, eu não tivesse ido encontrá-lo. Talvez! Eu não sei'. Ela chorou. "Fecha a cortina, papai! Fecha o mar lá fora. Ele me censura por minha loucura'." Ele suspirou, e calou-se.

"Então, você vê", ele prosseguiu, num murmúrio, "muito doente! Muito doente, de fato. Pneumonia! Muito repentina!" Ele apontou seu dedo para o tapete, enquanto eu pensava na pobre moça, vencida na sua luta contra os absurdos de três homens e vindo por fim a duvidar de si própria, e me deixava prender numa verdadeira angústia de compaixão.

"O senhor próprio vê", ele recomeçou, abatido, "ela não podia, realmente... Ela mencionou o senhor várias vezes. Bom amigo. Homem sensato. Então, eu quis contar-lhe, eu próprio — dar-lhe ciência da verdade. Um camarada como aquele! Como poderia ser? Ela estava solitária. E talvez, por um momento... Coisa de nada. Nunca podia ter havido assunto de amor para minha Freya — uma moça tão sensata..."

"Homem", eu gritei, erguendo-me acima dele, furiosamente — "você não vê que ela morreu de amor?!"

Ele levantou-se, também. "Não! Não!" Ele gaguejava, como se irado. "Os doutores! Pneumonia! Muito fraca! A inflamação dos — Eles me disseram, Pneu..."

Ele não terminou a palavra. Terminou num soluço. Levantou os braços num gesto de desespero e desistiu de sua horrível pretensão com um profundo grito, de cortar o coração.

"E eu pensava tanto que ela era sensata!"



Digitalizada e revista por Virgínia Vendramini
Fevereiro de 2013

